

**ALEXSANDRA FERNANDES CAMPOS**

**A RELIGIÃO NO PROCESSO  
PSICOTERAPÊUTICO**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo, 2007**

**ALEXSANDRA FERNANDES CAMPOS**

**A RELIGIÃO NO PROCESSO  
PSICOTERAPÊUTICO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. MARÍLIA ANCONA-LOPEZ.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo, 2007

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

*Aos meus amados pais, Neuza e João, que sempre me acompanham, com muito amor, em todos os momentos. E ao meu irmão, Marcos, por existir em minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus que me criou, me formou e todos os dias de minha vida me protege, me renova, me oferece forças para prosseguir sempre na jornada da vida.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília Ancona-Lopez, pela confiança que depositou em mim, pela maneira carinhosa e prestativa com que me acolheu no curso de mestrado e pela sua competência como professora e orientadora, a minha gratidão.

Às professoras doutoras Silvia Larrabure e Gohara Yvette Yheia, também sou grata pelas valiosas sugestões, durante o exame de qualificação.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Montagna, pela solicitude em compôr a banca examinadora.

Aos colegas de curso de pós-graduação em psicologia clínica, que estiveram comigo nos momentos de dor e amor. Faço um destaque especial à minha querida amiga Marguerita Ingrao Merlo, pela sua força de vida; à minha querida amiga Balbina Ferreira de Brites, pelo seu amor e pelo seu carinhoso acolhimento; e também para Ana Lúcia Ribeiro, pela sua sensibilidade. Todas, a seu modo, caminharam comigo entusiasmando-me a continuar andando para que eu pudesse atingir meus objetivos.

Sou muito grata à Irmã de Lucca e à Irmã Ivani Terezinha Dal Bianco que me receberam com muito amor e carinho. Deram-me força e incentivo durante a realização desta dissertação.

Ao professor Laurindo Trombeta, que Deus colocou em minha vida, e que esteve do meu lado durante a elaboração deste trabalho. Para mim, ele é a personificação da sabedoria, do desprendimento e do amor.

Aos meus pais, que tanto me amam e que eu tanto amo, por me ensinarem a viver a vida com dignidade e amor, muito amor. E também por me mostrarem que a força maior está contida no puro amor de Deus e ao meu próximo.

Ao meu amado irmão, que trilha comigo os caminhos doces e, às vezes, tortuosos que a vida nos reserva, que se alegra com minha alegria e tantas vezes se entristece com meu pranto.

## RESUMO

O objetivo deste estudo é buscar compreender as funções da religião durante o processo terapêutico, em uma perspectiva fenomenológica.

Para atingir esse objetivo apresento as funções que a religião desempenha de conservação e transformação de significado. Em seguida analiso um caso clínico, buscando compreender qual a função que a religião desempenhou nos significados atribuídos por Zemrude à sua vida.

Por fim, concluo que a religião pode em alguns casos desempenhar uma função terapêutica.

*Palavras chave:* religião; religiosidade; significado.

## ABSTRACT

I have chosen as theme for this study the search of the sense for the life due to the religious experience and how it appears during the therapeutic process having as a theoretical and phenomenology foundation.

In order to achieve this objective I did not realize readings of authors in the psychological area only but also of texts of Christian authors.

Having these readings as theoretical references, I make an analysis for understanding the importance of the religious values on the life modifications of the chosen study case, for my own reflection.

As finalization, I emphasize the value of the meaning added to the holly as an affective process of changing.

Key words: religion; religiosity; meanings.

# SUMÁRIO

Introdução .....	11
Objetivo e método .....	16
Capítulo 1 – A religião e a atribuição de sentidos .....	20
Capítulo 2 – Conservação de significados .....	27
2.1 – Marcar limites .....	27
2.2 – Perseverança .....	28
2.3 – Suporte religioso .....	29
2.4 – Reconstrução de percurso .....	31
2.5 – Reestruturação religiosa .....	33
2.5.1 – Reestruturação religiosa do evento .....	35
2.5.2 – Reestruturação religiosa da pessoa .....	35
2.5.3 – Reestruturação religiosa do sagrado .....	37
Capítulo 3 – Transformação de significados .....	41
3.1 – Reavaliação de significados .....	42
3.2 – Recriação de significados .....	44
Capítulo 4 – Zemrude .....	48
Capítulo 5 – Discussão do caso .....	123
Capítulo 6 – Considerações finais .....	132
Referências Bibliográficas .....	135

Crescer e crescer  
E continuar crescendo  
E crer...  
Crendo.. me perco  
Confundo  
O alvorecer com entardecer  
Os meus olhos dizem que é dia,  
Minha alma, que já anoiteceu.  
Dia ou noite?  
Não sei bem.

Alexsandra F. Campos

## INTRODUÇÃO

Para se fazer uma campina  
é preciso um trevo e uma abelha,  
um trevo, uma abelha e fantasia...  
Mas faltando abelhas  
Basta a fantasia...

*Emily Dickinson*

**M**eu interesse pelos temas da religião vem de longa data. Nasci numa família católica e sempre atuante em diferentes níveis na Igreja. Desde cedo bebi os ensinamentos religiosos que me acompanham até o dia de hoje, com significados mais abrangentes. Cresci ouvindo histórias bíblicas, cantando hinos em corais na igreja e estudando a Bíblia entre outras literaturas religiosas.

Depois do ensino médio, graduei-me em Psicologia. Após minha graduação, comecei meu trabalho profissional, atendendo dependentes químicos em uma Instituição do Estado de São Paulo. Essa instituição é de cunho católico, e oferece atendimento especializado para dependentes químicos. Os dependentes chegam pela manhã e retornam ao lar, no final da tarde.

Observei que muitos clientes, durante seu processo terapêutico, falavam de sua religiosidade e do significado que lhe conferiam.

Para Otto (s/d), o termo sagrado designa o mistério, a majestade, o fascinante. Ele diz que o homem, diante do sagrado, experimenta um duplo

movimento: de um lado, o medo, o respeito, a reverência e, de outro, a atração, a alegria, a confiança.

Em todas as culturas, o homem busca no sagrado algo que possa mantê-lo, ampará-lo e auxiliá-lo a construir um sentido para sua vida, ou seja, a religiosidade faz parte das experiências humanas.

Ribeiro (2001, p.10) afirma que: “A religiosidade é uma dimensão humana histórica e culturalmente determinada, que mobiliza energias e se materializa na construção de sentido para a totalidade da existência. Essa dimensão se materializa, dentre outras, sob forma de religião, arte e de utopia política, quando atravessados por um senso de totalidade”.

Pargament (1997, p. 32) define religião em termos do sagrado. Para ele, “religião é um processo, uma busca pelo significado, em caminhos relacionados ao sagrado”.

James (1995, p. 31-32) diz que “a religião significará para nós os sentimentos, atos, e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino”.

Para Vergote (apud VALLE, 1998, p.258), “religião é um conjunto orientado e estruturado de sentimentos e pensamentos, por meio dos quais o homem e a sociedade tomam consciência vital de seu ser íntimo e último e, simultaneamente, nela se torna presente o poder divino”.

Van Der Leeuw (apud MAHFOUD, 2001, p.82) é do parecer que “tudo o que é produzido pelas capacidades humanas é resposta à busca de um sentido, nascendo assim a cultura e suas organizações...Mas a busca de sentido não se limita a essas produções, e o sentido último é religioso”.

Vergote (2001, p.21) diz que “a religião foi e é em geral benéfica para o homem...A religião é necessária para o homem. Portanto, é porque ela é necessária que o homem é religioso”.

Há muito a religião vem sendo estudada a partir de seu aspecto funcional. Conseguir uma compreensão das funções que ela exerce na vida do homem se tornou um aspecto importante para muitos teóricos que pretendem, de algum modo, compreender a importância que o mundo religioso possui para o ser humano.

Geertz (apud PARGAMENT, 1997) acredita que ajudar o homem a atribuir sentido para as suas vivências é uma das funções da religião. Ela auxilia na busca de significados que possam articular um sentido para a existência.

Pargament (1997) é do parecer que os estudos sobre a religião dentro de uma perspectiva funcional focalizam, na maior parte das vezes, a função que a religião desempenha quando a pessoa necessita significar aspectos negativos, pesados e aparentemente insuperáveis da existência humana, como a morte, o sofrimento, o mal e a dor.

As dificuldades que o homem encontra para lidar com questões difíceis e que de algum modo podem colocar em risco o seu bem-estar ou a sua própria sobrevivência, muitas vezes são elaboradas por meio da religião. Pargament (1997, p.27) fala que “a religião não só enfrenta esses assuntos, mas também oferece maneiras de fazer sentido e de responder a essas questões”.

Pargament (1997, p.92) prefere utilizar o termo significância em vez de significado. Para ele a religião aumenta a significância, entendida como “uma construção fenomenológica envolvendo sentimentos e crenças

associadas com mérito, importância e valor. Incorpora a experiência de cuidado, atração e fixação”.

A significância pressupõe um conjunto de objetos valorados pelo indivíduo e que fazem parte de sua existência, sendo responsável pelo modo como ele vislumbra sua trajetória pela vida. É desses valores que o homem se serve para resolver ou administrar as situações que ocorrem em sua vida, sejam agradáveis ou não. “Conformado pela cultura e pela experiência ou gerado por um processo mais criativo, o homem pode dar valor a um conjunto de objetos significantes” (KLINGER, 1977 e RYCHLAK, 1981 apud PARGAMENT, 1997, p.92). Segundo Pargament (1997, p.92), esses objetos podem ser “de natureza material, física, psicológica, social e/ou espiritual”.

De acordo com Carver e Scheier ( apud PARGAMENT, 1997), não existe um único objeto genérico da significância. Usamos dizer com mais precisão que significância subentende um conjunto de objetos e inclui uma organização de valores. Assim, podemos notar que, talvez, o que diferencia indivíduos e grupos uns dos outros, mais evidentemente, seja o padrão e a configuração dos objetos valorados. Isto significa que, na visão de Pargament (1997, p.91), “os eventos são construídos nos termos de seu significado para as pessoas”, permitindo que esses significados possam articular, de algum modo, um sentido para a existência.

Assim, podemos dizer que uma das funções da religião, é a de propiciar ao ser humano uma possibilidade de encontro de sentido para sua existência e para o mundo.

O sentido, de acordo com Frankl (1989, p.75-76), é singular, “na medida em que não há um sentido para todos, mas sim um sentido para cada um dos outros”, e é relativo visto que está “numa determinada relação com a pessoa, e com a situação em que precisamente essa pessoa se realiza e se insere”.

Ainda, segundo Frankl (1989, p.53), o sentido não é algo que pode ser captado apenas racionalmente, mas a emoção humana, anterior a qualquer racionalidade, pode captá-lo. O mesmo se dá quando se trata de um sentido último, pois um “sentido infinito está necessariamente além da compreensão de um ser finito”. Nessa visão o sentido último é sempre de natureza religiosa.

Para Frankl (1989, p.14), é a busca de um sentido último que define o ser humano. O homem será sempre livre para decidir o momento seguinte, revelando-se como “um ser em contínua procura de um sentido”. E mais, “até o último momento, até o último suspiro, não sabe o homem se realmente terá realizado o sentido da sua vida” (Frankl, 1989, p.76 –77).

Na compreensão de Frankl (1989), o sentido é para ser captado, apreendido, percebido e efetivado, isto é realizado. E em virtude de sua relação com a situação, no caso concreto, ele é irrepetível e único.

A religião pode tornar possível ao homem criar, transformar ou conservar os significados que atribui à sua existência.

Por conservação compreende-se todo o esforço para manter significados que estão sendo, de algum modo, testados ou que estão correndo perigo de se perderem ao longo da vida. Por transformação, compreende-se a re-significação.

Isto significa que a pessoa, utilizando-se da religião, pode se tornar capaz de sustentar um modo de vida, mesmo estando em meio a experiências difíceis, e também pode exercer movimentos para abandonar antigos significados, encontrando para eles outros substitutos. É este movimento que eu observo no meu atendimento.

## OBJETIVO E MÉTODO

O objetivo desta dissertação é buscar compreender as funções da religião durante o processo terapêutico, em uma perspectiva fenomenológica.

Para satisfazer minha necessidade de compreensão, reuni informações de vários autores, da área religiosa e da área psicológica, que postulam que o homem busca, por meio da religião, significados que possam conferir um sentido para a sua existência.

Ao cotejar o posicionamento desses autores, pude delinear algumas das funções da religião. Estas permitiram-me compreender melhor a influência da religião e algumas de suas funções, e, por esse motivo, foram consideradas como referência para análise neste estudo.

A princípio levei em consideração as funções da religião conservação e transformação de significados.

No que tange à conservação de significados, faz-se necessário saber como a religião auxilia o homem a manter um modo de vida, estando ou não, em meio a experiências dolorosas.

A transformação de significados diz respeito às inúmeras possibilidades que a religião oferece ao homem para ajudá-lo a mudar um conjunto de significados, a partir do momento em que esses não se fazem mais viáveis. Depois de abordar as funções da religião, analisei o tema em um caso clínico.

Ao longo de meus anos de trabalho em consultório, tive o hábito de anotar, o conteúdo das sessões de psicoterapia, após cada uma delas.

Para a escolha do protagonista do caso, guiei-me por alguns parâmetros. O cliente deveria ser dependente químico, ter passado por um processo psicoterapêutico com sessões semanais. Estas deveriam ter sido todas anotadas detalhadamente. A religião deveria ter sido um tema presente no processo terapêutico.

Ao fazer a releitura das anotações, Zemrude foi o eleito para análise desta dissertação, visto enquadrar-se nos três parâmetros estipulados anteriormente. Trata-se de um rapaz casado, que começou utilizar drogas com 15 anos de idade. Hoje, com 36 anos, já não as utiliza mais. Atualmente, trabalha numa casa de recuperação para dependentes químicos, auxiliando jovens a abandonarem o uso das drogas, que podem ser injetáveis, inaláveis ou ingeridas.

As anotações das sessões de Zemrude foram o material utilizado para esta dissertação, desenvolvida como estudo de caso. Para a análise elaborei, inicialmente, a partir das anotações, um relato ressaltando os momentos mais significativos do seu processo terapêutico, do ponto de vista da questão objeto desta pesquisa.

No relato, inclui falas do cliente, minhas intervenções e minha compreensão do caso. O cliente foi atendido durante dois anos, que compreende o período de 2002 à 2004, com uma sessão semanal, com duração de cinquenta minutos.

Na discussão do caso, relato como Zemrude se apresentou para iniciar seu atendimento psicológico, como elaborou as mudanças, como se apossou dos valores religiosos e que efeitos estes tiveram nos significados atribuídos à sua vida.

Nas considerações finais, discuto as funções que a religião desempenhou no caso estudado, mostrando como, no caso, pode ser considerada um elemento terapêutico.

A dissertação, baseada em caso um clínico, não pretende encontrar leis ou regularidades, mas sim, apresentar uma possível forma de compreender a questão estudada, que poderá ser útil para outros psicólogos clínicos.

As pessoas têm estrelas, que não são as mesmas. Para alguns, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para os sábios elas são problemas a ser resolvidos. Mas todas essas estrelas são mudas. Tu, porém, terás estrelas como ninguém..... Quando olhares para o céu, de noite, porque habitarei uma delas, porque numa delas estarei rindo, então será como se todas as estrelas te rissem. E tu terás estrelas que sabem rir!

Saint Exupéry – O pequeno príncipe

## A RELIGIÃO E A ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS

Quando te vi amei-te já muito antes,  
Tornei a achar-te quando te encontrei.  
Nasci para ti antes de haver o mundo.

*Fernando Pessoa*

O termo religião, segundo Robinet (2004), é ambíguo em sua etimologia. Para alguns autores latinos, como Lactâncio e Tertuliano, ele remonta aos verbos “ligare” ou “religare”, que significam ligar ou religar. Nesse caso, o termo religião significaria, em primeiro lugar, a ligação que une a pessoa ao divino e talvez as pessoas entre si. Para outros autores latinos, como Cícero, o termo religião seria derivado dos verbos “legere” e “religere”, que significam colher, recolher, ser atento. Assim, o termo religião designaria, em primeiro lugar, a atitude de recolhimento, de respeito, de piedade.

Por sua etimologia, podemos dizer que a religião expressa a ligação que a pessoa sente com o divino ou o sentimento de respeito, de piedade que ela sente frente ao sagrado. Para (ALETTI, 2004), a religião é um fenômeno cultural que se transmite a partir da tradição do grupo, da família, do povo e da igreja, nas quais a pessoa se constitui.

Há várias formas religiosas das pessoas manifestarem e expressarem os seus sentimentos religiosos, conforme as diferentes culturas. Em uma mesma cultura, os modos de manifestação religiosa são

sustentados pelo grupo social que comunga das mesmas crenças. Da mesma forma, cada grupo religioso desenvolve uma determinada linguagem e formas próprias de interpretação dos fatos. São elas que se tornam referência para as atribuições de sentido para a vida humana.

Para Frankl (1989, p. 57), “o problema do sentido da vida, quer se apresente quer não expressamente, cumpre defini-lo como um problema caracteristicamente humano... Para falarmos com propriedade, expressão do ser humano, – expressão precisamente do que de mais humano há no homem”. Para ele, o ser humano é, antes de mais nada, “essencialmente histórico, está incerto não logra arrancar-se. E este sistema de relações está determinado, em cada caso, por um sentido, se não inconfessado, talvez em geral inexprimível”.

Continuando em Frankl (1991, p.76), “viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento”. A exigência do momento, e, com ela, o sentido da existência está em constante mudança, de pessoa para pessoa e de um momento para o outro.

Assim, segundo Frankl (1989, p.82), “uma existência, por muito empobrecida que pareça – na realidade, porém, só o será em valores criadores e vivenciais –, pode oferecer ainda uma última oportunidade, e de certo a maior, para, apesar de tudo, realizar valores”.

Frankl (1989) considera valores de atitudes, as que se referem à aprendizagem decorrente das dores e incertezas da vida. Para ele “fica patente que a existência humana nunca na realidade e propriamente se pode considerar sem sentido: a vida do homem conserva seu sentido até as últimas, até o último suspiro. Enquanto está consciente o homem tem uma

responsabilidade perante os valores, ainda que apenas se trate de valores de atitudes”.

Para Sapienza (2004, p.30), se concebermos o ser humano como “atribuidor de significados,... e isso quer dizer achar sentido, poderemos perceber o quanto o sofrimento do homem tem a ver com a dificuldade de encontrar sentido no que está vivendo ou de ir ao encontro do que daria sentido à sua vida, ou seja, a dificuldade está exatamente no cerne do existir”.

O que esses autores afirmam é que o homem busca sentido para sua existência, mas nem sempre consegue encontrá-lo nas diversas possibilidades que a vida lhes oferece. E, na busca de algo que possa lhes oferecer respostas, muitas vezes, a religião se apresenta como um veículo de ajuda.

James (1995) liga intimamente o sentido da religião ao sentido da vida. Para ele, a religião auxilia o homem a compreender o seu lugar na natureza e entre os outros; ao mesmo tempo, ameniza o esforço de lidar com suas inquietações e o conduz a um sentido mais amplo e sagrado. James (1995) ainda considera que, nas experiências religiosas, o caminho trilhado é semelhante o sentimento de alegria e segurança, bem como a sensível certeza da existência de um poder maior e ideal. O homem, ao entrar em contato, numa ligação suprema de comunhão com o invisível, pode sofrer transformações. Essas transformações, segundo o autor, geralmente tem um aspecto regenerativo.

Na opinião de James (1995), algo que possui a capacidade de estabelecer efeitos reconhecíveis passa a ser visto como a própria realidade, ganha o sentido de real, e assim o mundo invisível passa a ser visto como real. Para James (1995), o estabelecimento da ligação com o sagrado ajuda o homem a suportar as dificuldades que o viver proporciona.

Para Allport (1970, p. 43), a religião é necessária ao homem. Ele diz que “cada indivíduo constitui uma espécie de sistema estrutural que se regula e se sustenta a si mesmo”. E para alcançar e desenvolver essa unicidade, o homem se vale da religião. Allport (1970, p. 13) afirma que “de fato, é pela virtude de suas vidas religiosas sobre a vida – expandindo enquanto a experiência expande – que são capazes de construir e manter um maduro e bem integrado edifício da personalidade. As conclusões e os sentimentos alcançados são tão diversificados e únicos como o é a personalidade ela mesma”.

Para Allport (1970), é nesse constante e ininterrupto transformar-se que o homem procura um modo mais seguro e tranquilo de viver, e isso o ajuda a superar as dificuldades e as dores que a vida muitas vezes lhe inflige. Ele busca algo que o fortaleça e o ajude a se desenvolver. O autor (1970, p. 128) diz que “a religião fortalece o indivíduo contra os ataques da ansiedade, da dúvida e do desespero; provê igualmente a intenção prematura que o capacita, em cada estágio de seu desenvolvimento, a relacionar-se inteligivelmente à totalidade do Ser”.

Isto significa que uma das funções do sentimento religioso, para Allport (1970), é a de estabelecer uma ligação do homem com a totalidade do ser e apresentar respostas que o ajudem a compreender os problemas da existência, oferecendo uma sensação de segurança. Para ele (1970, p.161), isto se faz possível, visto que o sentimento religioso “emerge no centro da vida e é dirigido para o infinito. É a região da vida mental que tem intenções de mais longo alcance, e por esta razão é capaz de conferir uma integração marcante sobre a personalidade, engendrando sentido e paz em face da tragédia e confusão da vida”. O sentimento e a busca religiosos são vistos como um fim em si mesmos, e a religião como um valor intrínseco para o indivíduo e, como tal, é compreensiva, integradora e motivadora.

Segundo Allport (1966), a religião intrínseca diz respeito à forma com que o homem se relaciona consigo mesmo e com as crenças apropriadas por ele e como lida com os valores e significados de sua vida. A religião extrínseca, por sua vez, diz respeito à forma com que o homem desempenha seu papel na comunidade.

Outros autores mostram como as atitudes, frente à religião, expressam o modo como ela se faz presente no movimento de busca de significados.

Ancona-Lopez (1999, p.79 e p.81), levando em consideração as quatro atitudes básicas proposta por Wulff (1997), apresenta diferentes posições a partir das quais a pessoa se relaciona com a religião. Segundo ela, quando a pessoa estabelece uma relação criativa e integrada com sua religiosidade, “as realidades da religião, rituais, símbolos e metáforas são reconhecidos em sua multidimensionalidade e a pessoa vivencia o poder iluminativo e a densidade do símbolo”. As pessoas “abrem-se aos mitos, rituais e pensamentos metafóricos abordando a religião por seus referenciais experienciais: sentimentos profundos e estados internos que vão desde vivências cotidianas a estados transcendentes, sutis ou claramente reconhecidos como místicos”.

Isto significa que, de acordo com Ancona-Lopez (1999, p.81), em uma relação integradora da religião, os objetos da fé religiosa “não são reduzidos a termos puramente cognitivos, mas se engajam na vida interna e expressam sentimentos, valores e esperanças que organizam e regulam o fluxo das interações dos sujeitos”.

Continuando em Ancona-Lopez (1999, p.85), “o símbolo religioso, o rito, a palavra, o mito são sempre maiores que a nossa capacidade de apreensão; excedem as categorias do entendimento comum e seus vários sentidos, dão-se a ver e se retraem, provocando conhecimento instantâneo

vivo para, em seguida, tornar-se apenas lembrança”. Estes “são fonte inesgotável de significados: a cada horizonte que se abre, um novo horizonte se oferece, mantendo viva a atitude de interpretação restauradora, ou seja, a busca de significados vivos”. E, segundo Sabatier (apud ANCONA-LOPEZ, 1999, p.86), encontramos ou “restauramos o significado de um símbolo quando ele produz em nós emoções, entusiasmo e intuições, provavelmente aquelas que inspiram o criador a criá-lo”.

Oferecendo um mundo pleno de significados, a religião pode fazer emergir nas pessoas poderosas emoções que podem ser capazes, também, de conservar ou transformar significados, bem como o sentido e a direção de suas vidas.

“Grande és tu, Senhor, e sumamente louvável: grande a tua força, e a tua sabedoria não tem limite”. E quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação; o homem carregado de sua condição mortal, carregado com o testemunho de seu pecado e com o testemunho de que resististes aos soberbos; e, mesmo assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti. Dá-me, Senhor, saber e compreender qual seja o primeiro: invocar-te ou louvar-te; conhecer-te. Mas, que te invocará sem te conhecer? Por ignorá-lo, poderá invocar alguém em lugar de outro. Ou será que é melhor seres invocado, para seres conhecido? “Como, porém, invocarão aquele em quem não crêem? E como terão fé sem ter quem anuncie? Louvarão o Senhor aqueles que o procuram”. Quem o procura o encontra, e, tendo-o encontrado, o louvará. Que eu te busque, Senhor, a minha fé, que me deste, que me inspiraste pela humanidade do teu Filho, pelo mistério de teu pregador.

Santo Agostinho – Confissões de Santo Agostinho

## CONSERVAÇÃO DE SIGNIFICADOS

Sejamos simples e calmos,  
Como os regatos e as árvores,  
E Deus amar-nos-á fazendo de nós  
Belos como as árvores e os regatos,  
E dar-nos-á verdor na sua primavera,  
E um rio aonde ir ter quando acabemos!...

*Alberto Caeiro*

**P**ara compreender melhor a religião associada à questão da busca por significados, lançamos mão das ponderações de Pargament (1997). Os argumentos deste autor mostram a importância da religião para o homem na busca por significados. Entre as discussões de Pargament (1997), apresentamos dois pontos importantes: conservação de significados e transformação de significados.

A conservação de significados, como dissemos anteriormente, diz respeito ao modo com que a pessoa preserva os significados em sua vida. E para se fazer instrumento de conservação de significados, a religião empreende alguns movimentos que começaremos a discutir.

### **2.1. Marcar limites**

Marcar limites é uma ação, desempenhada pela religião, que auxilia na conservação de significados. Ela consiste em estabelecer normas e

sanções que variam de uma religião a outra. Estas, além de servir para manter significados, as distinguem.

Em se tratando de marcar limites, Pargament ( 1997, p.203 ) afirma que as religiões “marcam seu território, deixando bem definidas as regras que fazem de alguém um judeu, um protestante, um muçulmano, um hindu ou um católico, e principalmente, a diferença entre o sagrado e o profano, entre o puro e o impuro”.

Atribuindo, muitas vezes, penalidades para os que ultrapassam os limites estabelecidos por suas normas, a religião trata de encorajar seus participantes a manter um conjunto específicos de valores e estilo de vida, mesmo quando é necessário enfrentar problemas.

Mas não é somente marcando limites que a religião desempenha a função de conservar significados. De acordo com Pargament (1997), num mundo que abriga uma infinidade de crenças religiosas, as regras e proibições podem não ser suficientes para sustentar sistemas de significados. Para tanto, a religião reserva outras formas, que, do mesmo modo, auxilia o homem a sustentar e conservar significados em sua vida.

## **2.2. Perseverança**

Entre os vários modos de conservação de significados, podemos incluir a perseverança dos significados atribuídos à sua vida, ou seja, a capacidade que o homem possui de continuar vivenciando algo que, de algum modo, dá sentido a sua existência.

A partir do momento em que a pessoa inclui o sagrado em sua vida, ele poderá, mesmo em momentos difíceis, perseverar em suas crenças religiosas.

Nesse contexto de inclusão do sagrado na própria vida, Pargament (1997, p. 204) refere que “a História está repleta de pessoas tenazes e inflexíveis que, sob pressões terríveis se recusaram a abjurar suas crenças e práticas religiosas”.

A Bíblia pode, também, nos oferecer vários exemplos de pessoas que, mesmo em meio a perseguições, mantiveram seus valores intactos. É o caso de Jó ( cap. 2; 7-10), homem temente a Deus, que se negou blasfemar contra Deus, preservando seus valores. O livro de Jó relata: “...E o adversário, deixando a presença do Senhor, feriu Jó com uma lepra maligna, da planta dos pés ao alto da cabeça. Então Jó pegou um caco de pote para se raspar e sentou-se sobre as cinzas. Sua mulher lhe disse: ‘Vais persistir na sua integridade?’... Ele diz: ‘Sempre aceitamos a felicidade como um dom de Deus. E a desgraça? Porque não aceitaríamos?’ Em tudo isso Jó não pecou com seus lábios”.

A história dos mártires mostra pessoas que optaram por perder a sua vida a abrir mão dos significados religiosos que dão sentido à mesma.

### **2.3. Suporte religioso**

As crenças e as práticas religiosas, quando revestidas de um sentido divino, podem propiciar, em alguns momentos, uma interseção entre o nosso mundo cotidiano e a esfera do sagrado que, de acordo com Giussani (1990), só podemos perceber ou conhecer, indiretamente. Compreendemos por suporte religioso o apoio que a pessoa recebe, por meio de suas experiências, no contato direto com o sagrado através de símbolos, comportamentos ou através de seus semelhantes, e que o ajudam a manter o sentido de sua vida, geralmente em momentos difíceis. O suporte religioso, portanto, pode provir diretamente da experiência religiosa ou das pessoas.

Pargament (1997, p.209) diz que “em tempos difíceis, as pessoas encontram ajuda em seus semelhantes, na literatura religiosa, em imagens de um Deus de amor, que oferece suporte e está sempre presente para apoiar” e nas orações, que se mostram como um meio de comunicação entre o homem e Deus.

Pela hagiografia podemos tomar contato com histórias de pessoas que mantiveram suas práticas religiosas, em momentos de tensão, encontrando apoio nos membros de sua religião e/ou no contato direto com o sagrado, ou seja, através de literaturas religiosas e ritos.

Também Santo Agostinho (2002, p. 299), por sua vez, em seus relatos nos fala sobre o apoio que o mundo sacro oferece às pessoas e da necessidade que elas possuem desse apoio. Ele se expressa assim:

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz.

Na comunidade religiosa, o apoio pode ser oferecido por indivíduos de forma isolada ou por comunidades. É o caso dos agrupamentos religiosos que se apóiam mutuamente compartilhando as mesmas crenças e participando dos mesmos rituais ou se dedicam a ajudar os outros, por intermédio de um serviço espiritual.

Pargament ( 1997, p. 211) afirma que, nesses casos de ajuda espiritual, “os esforços para manter as pessoas fisicamente, materialmente e psicologicamente são compatíveis com a missão mais ampla de várias congregações: conhecer e servir a Deus”. Com esse movimento, as congregações preservam a ligação, aparentemente necessária, da pessoa com o sagrado.

Santo Agostinho (2002, p.420) já nos dizia de sua necessidade de conhecer Deus e servi-lo, mantendo sua ligação com o sagrado. Vejamos sua opinião: “por isso, a minha alma é para ti como terra sem água, porque não pode iluminar-se por si mesma, não podendo assim saciar-se por si mesma. Pois em ti se encontra a fonte da vida: graças à tua luz, vemos a luz”.

Para que a pessoa possa continuar a compreender melhor esse mundo religioso e manter sua ligação com Deus, Pargament (1997) nos fala que a religião dispõe de outros diversos mecanismos. São eles: a reconstrução de percurso e a reestruturação religiosa.

#### **2.4. Reconstrução de percurso**

Podemos entender por percurso o caminho que a pessoa escolhe e segue para relacionar-se e sentir-se próxima ao divino.

Por reconstrução do percurso, Pargament (1997) compreende a forma que a religião utiliza para estabelecer e preservar os caminhos que ligam o homem a Deus. E, no intuito de preservar esses caminhos, as religiões propõem alguns ritos, que Pargament (1997) chama de purificação religiosa.

Entendemos por purificação religiosa o rito que permite ao homem se purificar de toda transgressão cometida contra as convicções religiosas. Uma vez purificado, ele poderá novamente partilhar do universo sagrado, reestabelecendo sua ligação com Deus.

O intuito da purificação está em manter a ligação existente entre o indivíduo e o sagrado. Ligação essa que fica fragilizada quando o indivíduo ocasionalmente se desvia do caminho religioso, ou seja, comete algum ato que transgride as convicções existentes na religião de certo ou errado. Essa transgressão, vista dessa forma, pode-se tornar muito mais que um simples erro ou engano, pode se tornar um pecado, mas que a bondade divina pode perdoar, a partir do momento em que a pessoa se arrependa e volte a seguir os caminhos que a religião lhe oferece.

Desse modo, a purificação, nas religiões cristãs, se dá pelo arrependimento do “pecador” e pela confissão do pecado cometido, juntamente com a penitência, que se caracteriza pelo ato de sacrifício em remissão ou expiação dos pecados. Isso restabelece a ligação existente entre a pessoa e o sagrado, que de outro modo poderia se dissolver.

Santo Agostinho (2002, p. 62), por sua vez, nos recorda de sua necessidade de reestabelecer sua ligação com Deus e junto a Ele permanecer. Ele diz:

Quem desembaraçará este nó assim tão complicado e emaranhado? É uma ação indigna; nela não quero pensar, não a quero analisar. Eu quero a ti, ó justiça, ó inocência, ó beleza que atraí o olhar dos virtuosos, que em ti se satisfazem sem jamais se saciar. Junto de ti existe paz profunda e vida imperturbável. Quem mergulha em ti, entra no gozo do seu Senhor; não terá mais receio, e permanecerá sumamente bem no Bem supremo.

Desandei longe de ti, meu Deus, e na minha adolescência andei errante sem teu apoio, tornando-me para mim mesmo um antro de miséria.

## 2.5. Reestruturação religiosa

A reestruturação religiosa pode ser compreendida como uma releitura de determinados acontecimentos, ou seja, é a capacidade que a religião pode oferecer ao homem de vislumbrar alguns acontecimentos, sejam dolorosos ou não, de um modo mais ameno e, algumas vezes, como positivos, quando atravessados por um sentido religioso. Assim, a pessoa atribui a essas situações um outro significado.

Esse modo diferente de vislumbrar determinadas experiências pode se dar a partir do sagrado, que Pargament (1997) nomeia de reestruturação religiosa do sagrado; a partir de situações comuns que não envolvem o sagrado, nomeada de reestruturação religiosa do evento; ou ainda, a partir da própria pessoa, também nomeada por Pargament (1997) de reestruturação religiosa da pessoa.

A reestruturação religiosa pode auxiliar a pessoa na mudança do significado que ela atribui aos fatos, podendo fazer com que as pessoas ligadas ao sagrado reforcem a sua convicção de que Deus, apesar das dificuldades existentes, ainda continua amparando-o.

Geertz (apud PARGAMENT, 1997, p.221) argumenta que uma das tarefas principais da religião é auxiliar a pessoa a dar um novo significado às suas experiências, visto que “todo desconcerto, sofrimento e um sentido de paradoxo, caso venham a ser intensos o suficiente ou se forem sustentados por longo período, se tornam desafios radicais à proposição de que a vida é compreensível e que podemos orientar-nos efetivamente dentro dela”.

A religião possui meios que podem ajudar a pessoa a manter uma relação com o universo sagrado. A pessoa pode se utilizar desses meios para reverter uma possível dissonância, bem como empreender um movimento de maturação religiosa e desenvolvimento.

A maturação religiosa e o desenvolvimento nesse sentido nos levam, segundo Ancona-Lopez (2001, p.66):

[... a pensar, de imediato, na possibilidade de ação divina. A vida do homem é compreendida como resultado não só de suas experiências e seus comportamentos, do modo específico como vai se formando psicologicamente, mas também de um desejo divino, de caráter pessoal, ao qual corresponde um projeto e uma missão definidos. O desenvolvimento religioso vai se dando à medida que o homem, enfrentando desafios, de forma contextualizada, em sua existência, vai desvelando esse projeto e preenchendo-o de maneira única.

Assim, o desenvolvimento se dá “não apenas pela ação do próprio homem, mas até mesmo à sua revelia, por uma ação divina que lhe oferece desafios e contexto concretos, acontecimentos e inspirações capazes de ajudá-lo em seu caminho” (Ancona-Lopez, 2001, p.66).

Ainda de acordo com Ancona-Lopez (2001, p.66), o “desenvolvimento religioso não são produto apenas da ação humana, mas atravessados por algo que ultrapassa a própria existência”.

Desse modo, a pessoa caminha, usufruindo de todos os meios possíveis oferecidos pela religião, para procurar viver bem e sentir-se amparada, principalmente, em meio às tempestades da vida.

### **2.5.1. Reestruturação religiosa do evento**

Segundo Pargament (1997), a reestruturação religiosa do evento pode ser entendida como uma tentativa de reinterpretação das experiências a partir do inexplicável. Essa reinterpretação pode vir a preservar alguns significados que podem manter a pessoa em contato com o divino.

Levando em consideração os vários esforços da pessoa para continuar ligada a Deus, Pargament (1997, p. 223) considera: “que, ao redefinir uma situação negativa de um modo mais positivo, a relação entre Deus, a pessoa e o mundo permanecem balanceadas: a benevolência do divino, a justiça do mundo, o valor básico e a segurança do indivíduo podem ser conservados”.

Nessa redefinição do inexplicável, a pessoa poderá encontrar um outro sentido para algumas experiências consideradas desfavoráveis. Isto significa que a pessoa poderá encontrar novas oportunidades e desafios para seu crescimento espiritual.

Existem inúmeras maneiras de o ser humano mudar as perspectivas que ele tem de mundo e o seu lugar nele, e essa possibilidade, muitas vezes o ajuda a se manter e continuar seu curso pela vida de uma maneira mais tranqüila, encorajando-o a manter seus valores e um estilo de vida menos ameaçador.

### **2.5.2. Reestruturação religiosa da pessoa**

A reestruturação religiosa da pessoa pode ser entendida como uma releitura das responsabilidades pessoais nas experiências que, normalmente, são atribuídas a Deus. Isto significa que a pessoa cessa de responsabilizar, total ou parcialmente, o divino pelo inexplicável.

Portanto, ao ser confrontada com uma desgraça, a pessoa poderá reler como atuou no acontecimento, e, embora possa assumir a responsabilidade pelo acontecimento, compartilha com Deus todo o frio da desgraça.

Cito como exemplo a oração de Shadrak, Meshak e Abed-Negô quando, por ordem do rei Nabucodonosor, foram lançados na fornalha por terem se negado a adorar e a prostrar-se diante de imagens de deuses estranhos. A oração (Daniel: 3, 28-29) diz:

[... Executaste justas sentenças em tudo o que nos infligiste, a nós e à cidade santa de nossos pais, Jerusalém. Porque nos infligiste tudo isso segundo a verdade e o direito, por causa de nossos pecados. Porque pecamos e agimos como ímpios até nos separar de ti, e falhamos em todas as coisas... E agora te seguimos de todo o nosso coração, te tememos e buscamos tua face. Não nos desonres, mas age conosco segundo tua indulgência e segundo a abundância de tua misericórdia...].

Assumir a responsabilidade, parcial ou totalmente, pelas próprias experiências é o foco principal da reestruturação religiosa da pessoa. Entretanto, nem sempre as experiências podem ser, racionalmente, explicadas. Alguns fatos são inexplicáveis e, de acordo com Pargament (1997, p.226), “podem continuar como mistérios insondáveis, enigmas muito complicados para serem resolvidos”.

Assim, é muito comum também ouvirmos das pessoas que algumas experiências, que elas viveram ou vivem, não possuem explicação. Elas dizem que tais experiências fazem parte dos grandes mistérios de Deus, que são enigmas muito complicados para serem resolvidos ou descobertos pela lógica humana.

Partindo dessa perspectiva, notamos que o ser humano possui uma habilidade limitada de compreensão de muitos aspectos da vida e da realidade, e se protege, atribuindo ao divino o conhecimento do que para ele é inexplicável, no intuito de conservar os valores que carrega consigo, para assim se manter num caminho que julga ser correto.

Na Bíblia podemos encontrar várias passagens que falam a respeito das criações e dos mistérios de Deus, reforçando no ser humano a presença de algo que não pode ser conhecido e nem compreendido racionalmente. O mistério da sabedoria, em Sirácida: 1,1-10 nos diz:

“Toda sabedoria vem do Senhor, ela permanece com ele para sempre.

A areia dos mares, as gotas da chuva, os dias da eternidade, quem os contará? A altura do céu, a extensão da Terra, a profundidade do abismo, quem as explorará? Antes de todas as coisas foi criada a sabedoria, desde toda eternidade, a inteligência prudente.

A raiz da sabedoria, a quem foi revelada? Suas realizações, quem as conhece? Um só sábio, deveras temível, aquele que se assenta em seu trono. O Senhor mesmo a criou, foi ele quem a viu e mediu e a derramou sobre todas as suas obras. Em toda carne, segundo sua liberdade, ele a concedeu aos que o amam”.

### **2.5.3. Reestruturação religiosa do sagrado**

A reestruturação religiosa do sagrado procura compreender o processo interno de mudança da pessoa por intermédio do sagrado. Nesse movimento em direção ao sagrado, a pessoa pode alcançar conforto na crença de que determinadas experiências julgadas desfavoráveis podem não ser punições divina.

Tal movimento proporciona à pessoa uma sensação de segurança, visto que no imaginário popular Deus é, muitas vezes, visto como castigador.

Nesse sentido, uma crença observada e que acompanha o homem é a existência de duas forças contrárias, ou seja, as forças do bem e as forças do mal, que lutam entre si e ao mesmo tempo se nutrem. E, segundo Pargament (1997, p.230), uma forma encontrada pela religião de explicar a dor e o sofrimento, utilizando-se dessa divisão do sagrado, é a de “não esculpir o mal na figura de Satan a partir do sagrado, mas por absolver o sagrado de qualquer responsabilidade pelos eventos da vida”.

Podemos compreender, portanto, que o homem pode vir a colocar limite na autoridade de Deus, entretanto obtém conforto pensando que, a partir desse momento, o infortúnio deixa de ser uma punição divina, e isso significa que afinal Deus poderá se compadecer e suavizar a dor e o sofrimento humano.

Nesse sentido, Pargament (1997, p.223) considera que “o conforto pode ser obtido da crença de que o infortúnio não é uma punição de Deus e de que a força e a coragem podem crescer a partir da crença de que Deus está compartilhando a provação. Contudo, retirando de Deus sua força para prevenir calamidades”.

Com isso, adquire forma um Deus com menos poder de intervenção, mas que pode sentir compaixão pelo sofrimento humano. Na Bíblia, novamente no livro de Jó, capítulo 2; 1-6 nos fala dessa questão:

Chegou o dia de os Filhos de Deus se apresentarem em audiência diante do Senhor.

O Adversário veio também com eles à audiência do Senhor. O Senhor disse ao Adversário: “Donde vens?” – “De percorrer a terra e vagar por toda ela”, respondeu. E o Senhor lhe perguntou: “Reparaste no meu servo Jó? Não há

outro igual a ele na terra! É um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se mantém longe do mal. Ele persiste na sua integridade e foi em vão que me incitaste a aniquilá-lo. ”Mas o Adversário respondeu ao Senhor: ‘Pele por pele!’ Um homem dá tudo quanto possui em troca da sua vida. Mas estende a tua mão; toca seus ossos e sua carne. Eu aposto que ele te lançará em rosto as suas maldições”. Então o Senhor disse ao Adversário: Seja assim! Ele está em seu poder; respeita, porém, a sua vida...].

Pode um homem velho renascer?  
Pergunta Nicodemos a Jesus.

Velhos homens devem ser exploradores,  
Não importa onde...  
Temos de estar sempre nos movendo  
Na direção de uma nova intensidade,  
De uma união a mais, de uma comunhão mais profunda...  
Nos movendo através de uma desolação escura, fria e vazia:  
O grito das ondas, o grito do vento, as águas intensas  
Das gaivotas e dos golfinhos:  
No meu fim está o meu início.

T.S. Eliot

## TRANSFORMAÇÃO DE SIGNIFICADOS

Tenho dó das estrelas  
Luzindo há tanto tempo,  
Há tanto tempo...  
Tenho dó delas.  
Não haverá um cansaço  
Das coisas, de todas as coisas,  
Um cansaço de existir,  
De ser,  
Só de ser...

*Fernando Pessoa*

**O**s significados vão se mantendo e se transformando ao longo da existência humana.

A variedade de significados possíveis é infinita e relacionada às condições sociais e às características de cada pessoa. Do ponto de vista social, as pessoas tendem a agrupar-se em torno de significados compartilhados, e cada grupo tem o seu modo de viver e expressar esses significados comuns.

As comunidades se constituem ao redor de tradições, costumes e valores. Nelas, cada pessoa, em diferentes momentos, vive esses significados, aceita-os, modifica-os ou rejeita-os e busca outros. Assim, cada pessoa, constrói o modo de viver e os significados que atribui à sua existência.

Nem sempre os significados atribuídos geram uma vida satisfatória. Condutas e ações que de início parecem absurdas ou excelentes podem receber um novo significado e passar a tornar-se atraentes ou indesejáveis. Nesses instantes em que há distância entre os significados aceitos e a

experiência vivida as pessoas passam a empreender movimentos de busca de novos significados. No dizer de Frankl (1991,p.80): “a vida está repleta de oportunidades para dotá-la de sentido”. Simultaneamente à transformação de significados, transformam-se valores que dirigem as condutas pessoais.

Pode-se dizer, então, que o significado define a estima, o apreço com que recebemos os fatos de nossas vidas. Os significados que atribuímos nos aproximam ou nos distanciam das coisas, provocando-nos atitudes de neutralidade e indiferença ou de interesse pela vida.

Para Pargament (1997), o processo de transformação de significados ocorre principalmente de duas formas: pela reavaliação de significados e pela recriação deles.

### **3.1. Reavaliação de significados**

Segundo Pargament ( 1997, p. 235-239), o processo de reavaliação de significados está relacionado à necessidade de mudanças que garantem a continuidade de um modo de vida satisfatório. Ele costuma iniciar-se quando os significados antigos não produzem mais os efeitos esperados para a manutenção da qualidade de vida da pessoa.

No decorrer da existência, surgem acontecimentos que destroem os antigos significados que permitiam um viver satisfatório. Sendo inviável conservá-los, a pessoa busca novos sentidos que a sustentem na caminhada da vida. Essa busca se dá, muitas vezes, no universo religioso.

Segundo as religiões judaico-cristãs, a finalidade de vida é de natureza transcendental, isto é, vai além daquilo que a pessoa pode fazer por si própria. Nessa perspectiva, cada pessoa tem uma razão de ser e uma missão a cumprir, independente do que lhe venha a acontecer.

Frankl (1991, p.98) afirma que:

[... Cada pessoa tem sua missão específica na vida e precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo.

Uma vez que cada situação na vida constitui um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema a resolver, pode-se, a rigor, inverter a questão pelo sentido da vida. Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido de sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável...].

Conforme a pessoa assume a responsabilidade pela própria vida, independente do que lhe esteja acontecendo, ela pode reavaliar os significados que adota, buscando as mudanças necessárias para obter segurança na continuidade de sua existência.

Nesse processo é usual que ela examine as suas crenças religiosas das quais decorrem valores e atitudes assumidos ao cargo de sua vida, a fim de buscar compreender o que não a satisfaz. É comum, nesses momentos, que as pessoas busquem aconselhamento espiritual. Essa prática secular de se voltar à religião, principalmente, em momentos de crise, é observado em todas as sociedades.

A busca por um sentido religioso pode ser simplesmente o primeiro passo no processo de mudança.

### 3.2. Recriação de significados

Por recriação de significado compreende-se a mudança de significados antigos para novos significados.

A recriação de significados acontece com frequência nos casos de conversão religiosa e a adesão à religião, nesses casos, costuma vir acompanhada por uma mudança completa de valores e atitudes.

Para Frankl (1998), assim como para Pargament (1997), a conversão religiosa é dinâmica e nela, muitas vezes, o convertido substitui o seu modo de viver por algo novo e pleno de outros significados, ou seja, o convertido abandona uma “vida velha” e redireciona-a com novos valores.

De acordo com Pargament (1997), essas mudanças costumam ser precedidas por algum tipo de sofrimento: uma experiência fortemente negativa, a morte de um ente querido, uma ameaça à saúde ou à vida, ou outras perdas dolorosas e críticas.

Frente a essa realidade a pessoa, muitas vezes, sente-se incapaz de efetuar as mudanças que sente como necessárias, necessitando de algo que a fortaleça e a impulse.

De acordo com os estudos realizados, Pargament (1997, p. 253) nos diz que, “numa conversão religiosa, o sagrado é incorporado na identidade do indivíduo. Uma força percebida ser bem maior que o ‘self’ é experimentada como uma nova e central parte do ‘self’”.

Pargament (1997), continua dizendo que a conversão religiosa protótipo centra-se ao redor de uma força espiritual. Durante o processo de conversão, a pessoa experimenta um sentimento de conexão com a força que vai além do seu mundo auto-contido.

No que concerne à conversão religiosa, podemos citar como exemplo, a do escritor João Ubaldo Ribeiro.

O escritor João Ubaldo sofria de pancreatite aguda e se entregava ao uso de bebidas alcoólicas. Depois de muitos anos de sofrimento à mercê do vício e da doença, apesar de ter procurado as melhores clínicas especializadas, percebeu que permanecia dependente e a doença continuava devorando-o. Após tantos esforços repetidos, foi pela via da religião que o escritor acabou encontrando forças para abandonar o vício e curar-se da doença, dando um novo significado à sua própria existência (*Veja*, ano 38, no 20, 18 maio 2005, p.15).

Também em seus relatos, Santo Agostinho (2002, p. 320) evidencia um certo desconforto e descontentamento em relação à sua vida. Tudo indica que tal descontentamento o motivou a aproximar-se da verdadeira face de Deus. Ele diz:

[... Sou pobre e necessitado, e somente melhora quando, com gemidos interiores e desgosto de mim mesmo, invoco tua misericórdia até ver sanada minha indigência e até alcançar aquela paz que o olhar do soberbo desconhece... Afasta de mim, Senhor, essa loucura, a fim de que minhas palavras não sejam para mim o óleo do ímpio para ungir a minha frente...].

Pargament (1997, p. 251) ressalta que “somente após os esforços em lidar com as situações que falharam repetidas vezes e convincentemente, é que uma mudança radical se tornará uma possibilidade”.

Reconhecer que os esforços empreendidos pelo homem podem falhar é o mesmo que admitir os limites da energia pessoal para realizar seus anseios. Essa aceitação nos conduz para uma outra face desse

processo de transformação, que inclui o “abandono da vontade pessoal”, na visão de Pargament (1997).

Numa conversão religiosa, em que ocorre o total abandono, o sagrado começa fazer parte da pessoa. Ela poderá sentir uma outra força interior, talvez bem maior do que aquela já experimentada anteriormente. Com tal força interior, a pessoa poderá tornar-se capaz de encontrar novos caminhos e um novo sistema de crenças e valores, transformando todo o significado de sua existência. Assim, ela pode conseguir uma vida plena de novos significados, restabelecendo ou conquistando o equilíbrio e o bem-estar, tão necessários para sua caminhada.

Mas, para o processo de transformação ocorrer, em alguns momentos, a pessoa poderá necessitar de auxílio para conseguir encontrar esse novo sentido para sua existência, abandonando velhos significados que não mais a preenchem.

Esse auxílio pode provir diretamente de algum grupo religioso, do qual o indivíduo se utiliza para sua conversão. Nesse sentido, Pargament (1997, p.255) diz: “vemos muitos exemplos de pessoas que se convertem a cultos religiosos, realizados por grupos, e fornecem uma vívida ilustração do processo de conversão”.

Uma pessoa que está em busca de algo novo para sua vida pode primeiramente admirar um grupo religioso, e, posteriormente, aproximar-se dele.

Na convivência poderá descobrir que o grupo pensa e age, motivado por valores que desconhecia e que se tornam atraentes para ela. Assim, enquanto procura apreendê-los, começa também a reconhecer no grupo uma ação divina.

Nesse caso, o grupo serve como um motivador ou “facilitador” da conversão ou como suporte apropriado à pessoa para a continuidade de sua conversão.

Assim, segundo Pargament (1997), o poder divino pode ser vinculado não só à corrente principal de uma congregação ou clero, como também a todo o restante dos grupos que compõem a organização religiosa. Nesse sentido, a pessoa geralmente termina expressando sentimentos de lealdade e devoção ao grupo religioso no qual está inserido. Tal vivência pode acabar tornando-se uma nova e poderosa força organizadora para a própria pessoa, auxiliando-a em seu momento de transição.

Com isso, a vida do convertido se engaja nas atividades do grupo e sua identidade pessoal começa a ser redefinida pelo grupo que o acolheu.

No processo de transformação de significado, a pessoa pode fazer da vida uma existência rica e plena de novos significados, para si e para outras pessoas, modificando, durante seu processo de mudança, os caminhos que percorre durante sua existência.

**P** *reciso falar com você.*

Foi a voz que ouvi ao passar pela sala de espera do meu consultório. Faço parte da Equipe de Psicólogos Voluntários que prestam seus serviços profissionais numa instituição de recuperação de dependentes químicos.

Olhei para ele. Usava calças jeans desbotadas, camiseta pólo e tênis em situação precária. Tive a impressão de uma pessoa pouco cuidada. Depois dessa rápida radiografia, esbocei um leve sorriso e perguntei o que o tinha levado a buscar uma ajuda psicológica.

*Meu nome é Zemrude. Trabalho também nessa Instituição, como contínuo. Eu preciso falar com você; ando muito confuso e sou um homem frustrado.*

Essa informação foi dada através de uma voz metálica que manifestava bastante insegurança. Tomei minha agenda e verifiquei a possibilidade de atendê-lo.

Terei o prazer de atendê-lo amanhã, às dez horas.

Zemrude agradeceu e retirou-se.

No dia seguinte, Zemrude compareceu para a primeira sessão.

Podemos começar fazer uma análise do caso de Zemrude sob o ponto de vista da conservação e transformação de significados.

Segundo Pargament (1997) a transformação de significados, como já dissemos anteriormente, está relacionada ao fato de conseguirmos modificar todo um conjunto de valores a partir do momento que esses não nos satisfazem mais.

*Esperei muito tempo por este momento, mas parece que estou mais ansioso do que imaginava.*

Continuei olhando para ele. Observava os gestos que fazia e as posições que tomava para tentar dominar sua ansiedade. Perguntei a ele o motivo pelo qual ele gostaria de falar comigo.

*Quero me conhecer melhor e resolver alguns problemas que me afligem.*

Observo que ele acredita que, por meio do autoconhecimento, poderá encontrar a solução dos problemas que o afligem. Perguntei qual seria o motivo que o levava a querer conhecer-se melhor.

*Preciso encontrar uma resposta para meu passado tão perturbado.*

Perguntei se já tivera alguma oportunidade de se conhecer.

*Eu estive internado numa instituição que ajuda os dependentes químicos para abandonar o uso de drogas. Fui ajudado através de acompanhamento médico, psicológico, terapia ocupacional, terapia grupal, de palestras e de grupos de apoio, e, com isso me conheci melhor a ponto de me sentir com coragem para deixar de usar as drogas.*

Existem duas formas de transformação de significados. São elas: a reavaliação de significados e a recriação de significados.

Zemrude, por sua vez, apresenta essas duas formas em seu contexto de vida.

Na reavaliação de significados, Pargament (1997) irá nos dizer que esse processo está relacionado à necessidade de mudanças, para que a pessoa possa continuar a ter um modo de vida satisfatório. Ele costuma iniciar-se quando os significados antigos não produzem mais os efeitos esperados para a manutenção da qualidade de vida da pessoa.

Indaguei como aconteceu a internação.

*Depois de casado, minha esposa me ajudou a encontrar uma instituição que me ajudasse a me libertar do vício de usar drogas.*

Investiguei como iniciou a usar as drogas.

*Durante minha adolescência comecei usar drogas. Fiz uso de quase todo tipo, tais como, maconha, crack, cocaína, heroína, LSD, cola de sapateiro e outras.*

Pedi que falasse mais sobre sua internação.

*O tratamento na casa de recuperação durou nove meses. Como internado só podia receber visitas de meus familiares. Depois do tratamento,*

*procurei um emprego para sustentar minha família. Não foi fácil, mas pude pensar muitas coisas sobre minha vida.*

Podemos perceber, no processo de transformação de Zemrude, a reavaliação de muitos significados quando ele diz que conseguiu pensar sobre sua vida em meio a dor.

Pedi para que ele falasse mais sobre seu processo de recuperação na instituição.

*Na instituição passei por um processo de desintoxicação, tive acompanhamento de médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fazia parte de grupos de apoio e pelo fato da instituição ser de cunho religioso católico, tive acompanhamento religioso, que era realizado por um grupo religioso que trabalhava na instituição e por um padre. O tratamento durou nove meses e durante esse período eu recebia visitas apenas dos familiares. Eu me sentia muito sozinho.*

Percebo em seu relato a dor e a solidão desse seu processo de transição. Entretanto, de acordo com Pargament (1997), algumas mudanças costumam ser precedidas por algum tipo de sofrimento: uma experiência fortemente negativa, a morte de um ente querido, uma ameaça à saúde ou à vida, ou outras perdas dolorosas e críticas.

Pedi que falasse sobre o novo emprego.

*Consegui emprego numa outra instituição, que também é católica, e tem como objetivo auxiliar jovens e adultos na recuperação da dependência química. Os dependentes químicos passam o dia na instituição, e, à noite, voltam a conviver com os familiares.*

Perguntei como era o trabalho dele na instituição.

*Trabalho na realização de grupos de apoio. Os grupos de apoio auxiliam na recuperação dos dependentes químicos.*

Segundo Zemrude, ele começou a trabalhar nessa instituição porque queria poder contribuir para as pessoas conseguirem se libertar do vício, queria passar um pouco de sua experiência para os demais. Esse trabalho é remunerado e ainda, segundo ele, com essa remuneração, ele consegue se manter e manter a família, com a ajuda da esposa.

Zemrude continua:

*Mas, além de trabalhar eu faço parte dessa instituição e assim entro em contacto com os internos, passando minha experiência de ex-drogado para entusiasamá-los a fazer o mesmo e também fazendo acompanhamento religioso. Os internos eram carinhosamente chamados por “meninos”.*

Pedi para que ele explicasse melhor o “fazer parte da instituição”.

*Ela é uma instituição religiosa e tem sua filosofia de vida, e as pessoas que fazem parte dela devem seguir essa filosofia para poderem continuar nela, caso contrário não podem continuar. Se eu fosse apenas voluntário, seria diferente. Como voluntário eu não precisaria seguir a filosofia da instituição. Mas, além de trabalhar na instituição, faço também parte de seu núcleo religioso, que recebe o nome de “comunidade vida”.*

Notamos Zemrude em meio ao processo de reavaliação de significados e se inserindo, ainda mais, no contexto religioso.

No processo de reavaliação de significados é comum que a pessoa examine as suas crenças religiosas das quais decorrem valores e atitudes assumidos ao cargo de sua vida, a fim de buscar compreender o que não a satisfaz. É comum, nesses momentos, que as pessoas busquem aconselhamento espiritual e ainda, segundo Pargament (1997) essa prática

secular de se voltar à religião, principalmente, em momentos de crise, é observado em todas as sociedades.

Essa foi uma opção sua? Foi a pergunta feita por mim.

*Sim. Na instituição nós somos livres para optar se queremos ou não fazer parte da “comunidade vida”. E eu optei por fazer parte. É o que eu busco hoje. E a comunidade vida me dá muita força.*

Seu relato informa sua categoria de funcionário e seu papel específico de ajudar os internos a superar as dificuldades para se libertarem do uso das drogas. Penso também, que nesse relato Zemrude nos revela a importância do grupo religioso em sua vida. Nesse sentido, Pargament (1997) nos chama a atenção para o papel do grupo religioso na vida da pessoa que se converte. Ele nos diz que o grupo religioso, na maior parte das vezes, serve como apoio e sustentação na transformação ou conservação de significados.

Zemrude também nos informa nesse relato, que os dependentes químicos em recuperação eram carinhosamente chamados de “meninos”. Achei oportuno indagar o tempo que estava trabalhando nessa instituição.

*Já se passaram dois anos. Olhando a equipe de psicólogos que vem atender os internos, decidi buscar um apoio psicológico para achar uma solução para meus questionamentos, esclarecer minhas dúvidas e me libertar de meus temores. Além do mais, sinto falta do acompanhamento psicológico que eu tinha quando eu estava me recuperando das drogas, na instituição em que eu estava internado. O acompanhamento psicológico me ajudava a me rever e ser responsável pela minha vida.*

Segundo Pargament (1997), conforme a pessoa assume a responsabilidade pela própria vida, independente do que lhe esteja

acontecendo, pode reavaliar os significados que adota, buscando as mudanças necessárias para obter segurança na continuidade de sua existência.

Durante sua recuperação da dependência química, e também durante os dois anos de trabalho com “os meninos”, percebeu o valor da ajuda psicológica e, por isso, solicitou um atendimento para ele.

Havendo uma equipe de psicólogos que prestavam seu trabalho profissional, indaguei por que me escolheu como terapeuta.

*Eu a escolhi porque acredito que poderá me guiar na travessia do bosque escuro de minha vida.*

Usei, até o momento, perguntas exploratórias para adquirir informações que me possibilitassem formar uma idéia mais completa do “background” de Zemrude. É verdade que as informações são precárias. Entretanto, no decorrer da terapia, aparecerão outras valiosas informações que me servirão de balizas para investigar os mecanismos que atuaram na formação de seu roteiro de vida. Assim, caminhando lado a lado, acredito que ele descobrirá o potencial enterrado que possui e que está aguardando sua liberação.

Disse-lhe que estava disponível para ouvi-lo. A partir de então, Zemrude continuou seu relato.

*Eu te procurei porque acho que eu preciso. Preciso me conhecer melhor. Tenho muita coisa que não consigo responder. Acho que vai ser bom até mesmo para o meu trabalho com os “meninos”.*

Zemrude explicita o motivo de procurar ajuda psicológica. Queria se conhecer melhor; buscava respostas para as dúvidas que tinha, e achava

que isso redundaria em benefício ao trabalho que realizava com os “meninos”.

Pareceu-me que Zemrude precisava detalhar novamente o motivo de procurar uma ajuda psicológica. Provavelmente, deve ter achado incompleta a informação que já tinha dado.

Nesse momento pedi para que ele falasse sobre as coisas que não sabia responder.

*Há quatro anos atrás fui internado numa casa de recuperação. No começo, por causa da minha família e depois por mim mesmo. Concluí todo o meu tratamento. Fiquei lá por nove meses. Era uma casa de orientação católica que trabalhava na recuperação de dependentes químicos. Foi um período muito difícil para mim, mas eu fui até o fim, porque eu queria me libertar do vício. Eu já não agüentava mais aquela vida. Depois de completar o tratamento, comecei a prestar serviços na instituição em que trabalho hoje, ajudando os “meninos”, e isso para mim é muito importante.*

Nem sempre os significados atribuídos geram uma vida satisfatória. Condutas e ações que de início parecem absurdas ou excelentes podem receber um novo significado e passar a tornar-se atraentes ou indesejáveis. Nesses instantes, em que há distância entre os significados aceitos e a experiência vivida, as pessoas passam a empreender movimentos de busca de novos significados. Pargament (1997) chama esse movimento de recriação de significados. Nos relatos de Zemrude podemos perceber a recriação de muitos significados.

Zemrude relatou sucintamente como iniciou o trabalho de se recuperar da dependência química. Ressalta que foi um período difícil, mas conseguiu completar o período de internação. Salienta que a instituição era de cunho religioso católico. Depois do tratamento, conseguiu um emprego

em outra instituição que tem como objetivo oferecer ajuda na recuperação de dependentes químicos. Pedi que falasse mais sobre a sua trajetória para se libertar do vício.

*Eu me senti muito sozinho, mas sabia que não estava, porque lá eu comecei a ver um outro lado da vida que eu não sabia. Comecei a conhecer Deus, e foi ele que me deu força para começar ver a vida de cara limpa, porque eu vivia drogado.*

Zemrude relata que no início se sentia na solidão, mas ao descobrir a existência de Deus, através da religião, começou a dar outro sentido à vida. Depois de conhecer Deus, percebeu que se sentiu mais fortalecido para deixar as drogas.

Ainda na a recriação de significados, Pargament (1997) também irá nos dizer que esse movimento se refere a uma mudança completa de valores e atitudes, e acontece com frequência no caso de conversão religiosa juntamente, com a adesão a uma religião.

Pedi que falasse mais sobre sua vida.

*Deus me libertou e me deu vida nova. Hoje tenho uma vida nova, tenho meu trabalho com os “meninos”, e isso é muito importante para mim.*

Zemrude está contente e se sentindo mais realizado com os novos conhecimentos sobre Deus e, da mesma forma, considera muito importante, para si mesmo e para sua realização pessoal, o trabalho com os “meninos”. Ele prosseguiu dizendo:

*O trabalho com os meninos me alimenta e me dá força. Para mim é importante saber que eu ainda tenho alguma coisa boa em mim para oferecer para outras pessoas. E, a cada dia que passa, eu me encho mais de coisas boas, para que eu possa dar. Este sou eu hoje: o Zemrude novo.*

Zemrude considera seu trabalho como um alimento que o sustenta. Penso que, para ele, seu trabalho surge como uma manifestação do valor que já se atribui.

Perguntei o que queria dizer com o “Zemrude novo”.

*Quando eu era do mundo, eu vivia uma vida sem sentido, pervertida e alucinante. Ficava nas noitadas, bebendo e utilizando todos os tipos de drogas com aqueles que se diziam meus amigos, e hoje vejo que não eram. Eu ficava também com as mulheres que eu queria, mas nada disso me preenchia, e eu não conseguia enxergar isso.*

Zemrude descreve, nesse momento, como era sua vida antes da conversão e ressalta que hoje tem outra visão da vida.

Nesse contexto, para Frankl (1998), a conversão religiosa é dinâmica e nela, muitas vezes, o convertido substitui o seu modo de viver por algo novo e pleno de outros significados, ou seja, o convertido abandona uma “vida velha” e redireciona-a com novos valores. E esse movimento é percebido em Zemrude nesse momento.

Pedi para que Zemrude falasse mais sobre “quando eu era do mundo”.

*Antes de me converter e conhecer a Deus, a minha forma de pensar era outra, e meus valores eram outros. Eu vivia prisioneiro do mundo das drogas e da prostituição.*

Perguntei como se sentia naquela situação.

*Eu não tinha cabeça. Meus valores eram outros. O mais importante naquela época era com quantas meninas eu ia ficar, e as drogas que eu ia usar. Nem voltava para casa, e no outro dia, nada fazia sentido.*

Percebo na fala de Zembrude que os valores que carregou consigo, em parte de sua vida, não se mantêm hoje.

Se aquela vida era sem sentido, pedi que explicitasse como se sentia.

*Eu sofria sem me dar conta da origem do sofrimento. Eu me sentia como um prisioneiro. Eu queria sair daquela situação, mas não tinha força, não sabia como proceder; só conseguia pensar nas baladas. Tudo era de momento*

Novamente, Zembrude ressalta a dor e o sofrimento que precederam e acompanharam, durante algum tempo, seu processo de conversão. E evidencia que no decorrer da sua existência, surgem acontecimentos que destroem os antigos significados que permitiam um viver satisfatório. Sendo inviável conservá-los, a pessoa busca novos sentidos que a sustentem na caminhada da vida. E segundo Pargament (1997) essa busca se dá, muitas vezes, no universo religioso.

No relato acima Zembrude afirma que sofria, mas ignorava a causa geradora do sofrimento. Sentia-se como prisioneiro que deseja a liberdade, mas não tinha força e nem sabia como conquistá-la porque sua mente estava ocupada com as baladas do momento.

Perguntei o que significavam as baladas para ele.

*Eu saía com os colegas para me drogar e transar com as meninas que conhecíamos na noite.*

Diante desse quadro, pareceu-me oportuno saber como fora sua educação familiar. Pedi que falasse sobre sua família.

*Eu morava com meus pais, sim. E minha mãe sofria muito com tudo isso, sempre me aconselhando evitar as más companhias dos colegas. Mas eu não dava ouvido. Vivia nas baladas. Dizia sempre para ela não se preocupar.*

Pedi a Zemrude que descrevesse melhor a atuação de sua mãe.

*Minha mãe sempre foi muito amorosa e sempre se preocupou muito comigo. Também (e sorriu) eu sempre dei muito trabalho para ela. Ela sofreu muito quando eu me envolvi com as drogas.*

Zemrude revela que teve amor e afeto de sua mãe durante sua vida. Apesar disso, Zemrude deu-lhe muito trabalho, e ela sofria ao saber que usava drogas. Pelo fato de não ter mencionado a atuação do pai, pedi-lhe que falasse sobre ele.

*Meu pai foi sempre um ausente. Ele nunca se preocupou comigo.*

Zemrude nunca recebeu cuidados do pai, revelando carência de afeto em relação a figura paterna. Indaguei, então, qual era sua atitude diante dos conselhos maternos.

*Eu não estava nem aí. Queria apenas viver o momento, sem pensar no amanhã.*

Ele declarou que não acolhia os conselhos maternos, e pensava apenas no prazer do momento. Ao perguntar-lhe a idade em que começou usar a drogas, ele foi preciso e disse:

*Em torno dos 15 anos.*

Pedi a Zemrude que detalhasse os motivos que o levaram a usar as drogas químicas.

*Eu não tinha cabeça. Era um menino brincando de ser gente grande. Foi um período em que eu comecei a sair para as baladas com os amigos; comecei a descobrir um mundo que eu não conhecia. Nessa época, eu via os amigos bebendo e fumando, ficando com as meninas, então resolvi experimentar e não parei mais. Começou depois aparecerem as drogas mais pesadas, como a cocaína. Nas noitadas, eu fumava, bebia e cheirava, e depois ia ganhar as meninas, que também não queriam nada da vida.*

Zemrude inicia dizendo que era menino mas queria sentir-se como adulto e ser aceito pelos amigos. Assim, começou a sair com os amigos e observava como os amigos se comportavam. Sentiu-se seduzido pela bebida e drogas, e começou a adotar comportamentos que lhe davam sensações prazerosas. Indagado sobre a possibilidade de fazer mudanças em seu comportamento, ele respondeu:

*Eh.... Na época eu não pensava nisso (deu um suspiro e ficou em silêncio).*

Zemrude fala de um período passado de sua vida em que os significados outrora oferecidos às suas vivências o supriam, e de acordo com Pargament (1997), somente quando esses significados não continuaram suprindo-o é que uma possibilidade de mudança começou a ser visualizada.

Zemrude declara que não havia pensado na possibilidade de mudar. O suspiro, seguido de silêncio, pode expressar um alívio pela possibilidade de poder realizar mudanças. Percebendo sua reação, encorajei-o para falar mais sobre o assunto.

*Por falta de maturidade, eu vivi muitas coisas, que talvez não precisasse ter vivido, e me arrependo muito de muitas coisas, mas não posso voltar atrás.*

Zemrude arrepende-se do que fizera, por falta de maturidade, e está ciente de que não pode alterar o passado doloroso, levando consigo a responsabilidade por seus atos.

Nesse contexto, Frankl (1991, p.76), nos diz que “viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento”. A exigência do momento, e, com ela, o sentido da existência está em constante mudança, de pessoa para pessoa e de um momento para outro.

Depois de ter as informações sobre a família de origem e a entrada no mundo das drogas, indaguei-lhe sobre o lar que constituiu.

*Conheci minha esposa em uma dessas noitadas. Ela era uma mulher muito bonita fisicamente, tinha um corpo muito bonito e esse corpo mexeu comigo. Logo me interessei.*

Zemrude relata onde conheceu a esposa e como ficou atraído por sua beleza física.

Segundo Zemrude, aos vinte anos conheceu sua esposa, numa noite em que ele havia saído para beber com os colegas. Quando ele viu Diomira no mesmo bar em que ele estava com os colegas, ele a achou muito bonita e resolveu se aproximar para conhecê-la. Após esse encontro, saíram juntos várias vezes, e depois começaram a namorar. Durante o namoro não existia o sentimento de amor. Existia, sim, uma atração física bastante forte que unia os dois em um estilo de vida que agradava a ambos, visto que os dois gostavam dos prazeres que envolviam as noitadas que viviam. Zemrude ainda dizia que a vida vivida por Diomira o fascinava, pois era diferente de tudo que ele havia vivido. Segundo ele, Diomira tinha um poder aquisitivo

melhor que o dele e um círculo de amigos mais finos e educados. Diomira, por sua vez, se sentiu atraída pela juventude de Zemrude.

Diomira era dez anos mais velha que Zemrude e trabalhava em um escritório de advocacia. Havia começado a fazer faculdade de direito, mas parou logo em seguida. Zemrude era operário em uma empresa multinacional e não estudava.

Ambos moravam com os pais, entretanto Zemrude comentou que os pais de Diomira tinham uma boa condição financeira e podiam dar tudo o que ela quisesse, já os pais de Zemrude eram pobres e viviam com dificuldade.

Diferente de Zemrude, Diomira não utilizava drogas quando saía com os amigos, apenas bebia socialmente. Entretanto, não se importava com o fato de Zemrude utilizar drogas, para ela isso era algo natural. Segundo Zemrude, Diomira já havia experimentado cocaína algumas vezes, mas não havia gostado. Eles namoraram um ano e meio antes de se casarem.

Pedi para que Zemrude falasse sobre a importância do encontro com sua esposa. Ele disse:

*Na época, eu não queria nada da vida, só pensava em balada, drogas e mulheres. Não pensava num sentimento mais profundo, não sabia o que era o amor, e hoje ainda não sei. Eu ainda não vivi isso.*

Zemrude explicita que queria apenas prazeres sensoriais. Por isso, lamenta que não sentiu o que era amor e que ainda não experienciou o que é amar. Indaguei se desejava viver o amor.

*Sim, eu tenho vontade... (deu um suspiro). Sinto falta de conhecer de verdade uma pessoa, de namorar e sentir amor por ela. Mas, hoje sou casado.*

Zemrude manifesta o desejo de amar uma pessoa; no entanto, se entristece por sentir-se impedido de viver essa experiência, pelo fato de estar casado. Assim, ele expressa a necessidade de preservar os novos significados atribuídos à sua existência.

De acordo com Pargament (1997), a conservação de significados está relacionada ao modo com que a pessoa preserva os significados em sua vida. E para se fazer instrumento de conservação de significados, a religião empreende alguns movimentos que veremos posteriormente, durante os relatos de Zemrude.

Sabendo que o casamento fora fortemente motivado pela beleza física da esposa, perguntei se admirava outros atributos dela.

*Sim, ela era também uma mulher educada, tinha um bom emprego e um grupo de amigos diferentes. Ela e os amigos viviam em um mundo diferente, um mundo que eu não fazia parte, e isto me seduzia. Eram amigos universitários, mais velhos e a maioria tinha dinheiro.*

Zemrude se encantou ainda com a boa educação e com o bom emprego que ela possuía. Ao mesmo tempo, sentiu-se seduzido pelo estilo de vida dos amigos universitários da esposa. Pareceu-me oportuno saber como se sentia diante desse universo desconhecido

*Eu não me sentia bem perto dos amigos da minha esposa. Eu não tinha muito assunto. Eram pessoas superficiais. Mas tudo aquilo, ao mesmo tempo, me seduzia. Eles tinham dinheiro, carros bons e eu não tinha nada.*

Zemrude descreve o desconforto inicial por se sentir em situação de inferioridade; no entanto, sentia-se seduzido pela situação econômica deles e por esse universo desconhecido. Ao passo que temia esse universo desconhecido, caminhava em sua direção.

Pedi que falasse mais sobre o que considerava importante.

*Sim, tudo aquilo era um mundo que eu não conhecia, mas me encantava. Na época, eu era materialista e também superficial, pensando somente em diversão momentânea, “status”, dinheiro e drogas. Era como se fosse um menino descobrindo a vida e dando cabeçadas. Eu nunca amei minha esposa. Para você ter uma idéia, no dia do meu casamento, eu não sei o que deu em mim, me casei até de calças jeans. Eu não queria me casar, mas não deu para voltar atrás. Minha mãe sempre me dizia para não me casar. Ela dizia que eu era muito novo e que o meu casamento não ia dar certo daquele jeito.*

Zemrude declara que, naquela época, era materialista e se encantava com a facilidade de diversão. Ao mesmo tempo, confessa que não amava a esposa e que, na hora do casamento, queria desistir, mas não o fez. Recorda também as advertências maternas que o desaconselhavam a se casar por ser um jovem imaturo. E todas as recordações lhe traziam muita dor. Nesse momento, Pargament (1997, p. 251) nos diz que “somente após os esforços em lidar com as situações que falharam repetidas vezes e convincentemente, é que uma mudança radical se tornará uma possibilidade”.

Perguntei a Zemrude porque se casou.

*Eu me casei num momento onde os valores que eu tinha eram outros.*

Zemrude revela que possuía valores, que para ele atualmente são efêmeros. Pedi-lhe que os enumerasse.

*Eu era muito criança, e não tinha nada na cabeça. Só pensava em mulheres, noitadas e drogas. Eu era também muito materialista. Só pensava na vida que eu teria com ela, materialmente, no corpo dela, em sexo, em conforto e mais nada. No fim, eu não queria me casar, mas não consegui sair daquela situação. Eu me casei praticamente bêbado, para conseguir coragem de subir ao altar.*

Zemrude enumera os valores fugazes que o levaram a se casar. Revela que não queria se casar, e que ingeriu bebida alcoólica para adquirir coragem para subir ao altar. Perguntei-lhe por que não podia sair daquela situação.

*Na época do casamento, eu ainda era dependente químico. Foi depois de alguns anos que comecei a encontrar forças para deixar o vício. Nesse período, minha família me ajudou bastante. Da mesma forma, minha esposa me ajudou muito, embora eu não a amasse*

Zemrude, nesse momento, pareceu confessar que tinha necessidade de auxílio e buscava proteção. O auxílio e a proteção ele encontrou na família e, principalmente, na esposa, ainda que não a amasse.

Segundo Pargament (1997), para o processo de transformação ocorrer, em alguns momentos, a pessoa poderá necessitar de auxílio. O apoio poderá fortalecer a pessoa para que ela consiga encontrar um novo sentido para sua existência, abandonando velhos significados que não mais a preenchem.

Indaguei se a esposa o ajudou em outras situações.

*Sim, em todas. Ela é uma mulher muito forte. Até manter a casa, ela ajuda. Financeiramente, ela supre as necessidades das crianças. Ela cuida de tudo. Ela me dá muita segurança. Mas eu não a amo.*

Zemrude declara que a esposa o ajuda em todas as situações; depois, ressalta algumas situações em que, no seu entender, são de grande valor; e finaliza reafirmando que não a ama. Questionei-o se estava procurando segurança e proteção.

*Acho que sim. (parou e pensou) Sim... Acho que ainda hoje eu preciso; mas, na época que eu era dependente químico, eu precisei muito mais.*

Zemrude reconhece e confirma que estava à procura de segurança e proteção. Em seguida, perguntei-lhe como se recuperou da dependência química.

*Eu fui internado em uma casa de recuperação e fiquei lá por nove meses. A casa era de cunho religioso e não cobrava pelos serviços prestados aos dependentes que nela ingressavam. Eu não tinha condições de pagar, por isso busquei uma instituição que não cobrasse pelos serviços. A religião era católica, e foi nessa casa de recuperação que comecei minha conversão.*

Zemrude fala da importância da casa de recuperação no seu processo de conversão, visto que a casa de recuperação era de cunho religioso católico.

Como já vimos anteriormente, de acordo com Pargament (1997), para o processo de conversão ocorrer, a pessoa poderá necessitar de um apoio que a fortaleça na busca de um novo sentido para sua vida.

E, novamente Zemrude fala da importância desse auxílio para sua conversão, que ainda, segundo Pargament (1997), pode estar relacionado ao grupo religioso que a pessoa utiliza para a sua conversão.

Continuando nesse contexto, Pargament (1997, p.255) diz: “vemos muitos exemplos de pessoas que se convertem a cultos religiosos, realizados por grupos, e fornecem uma vivida ilustração do processo de conversão”.

Conseqüentemente, pedi para ele que relatasse em que consistiu a sua conversão.

*Eu passei a conhecer um outro lado da vida, que até então não conhecia, e também não havia feito questão de conhecer. Comecei a perceber que a vida poderia ser muito mais do que noitadas, drogas, mulheres, conquistas amorosas e desamor.*

Zemrude ressalta que adquiriu um novo conceito da vida bem mais construtivo do que as noitadas, drogas, mulheres e as conquistas amorosas. Pedi a ele para que explicitasse em que consistia “conhecer o outro lado da vida”.

*Comecei a conhecer e sentir a presença de um Deus que eu não conhecia. Antigamente, meu “deus” eram as drogas, as noitadas, o dinheiro, o “status”, tudo aquilo que não me levava a nada.*

Zemrude diz que começou a conhecer melhor Deus e que esse novo conhecimento era superior ao conceito de “Deus” que fazia anteriormente. Sugeri que continuasse a falar sobre sua mudança de vida.

*Depois que passei a conhecer Deus, ir à igreja, a viver o amor de Deus, ajudando as pessoas e a mim mesmo, comecei a perceber que a vida*

*era muito mais do que aquilo que eu havia vivido na época em que eu usava drogas. Eu não percebia isso.*

Zemrude relata algumas mudanças que ocorreram. Assim, depois de conhecer melhor Deus, começou a ir à igreja, viver o amor de Deus e ajudar as pessoas e a si mesmo. Convidei-o a falar mais sobre a nova visão da vida.

*Percebo que tudo o que eu vivia era ilusão. Tudo, até meu casamento. Eu me deixei levar por coisas materiais, por um corpo bonito, por “status” e dinheiro. Eu casei sem amar.*

Zemrude declara que estava vivendo uma ilusão, antes de conhecer Deus. Perguntei-lhe se estava consciente do que buscava mediante tais comportamentos.

*Naquela época, eu não sabia o que eu buscava. Hoje eu sei.*

Pedi então para que ele me falasse mais sobre o que ele busca hoje.

*Encontrei um outro sentido para minha vida, e hoje busco viver um amor em Deus, busco amar e ser amado. Oferecer algo de bom para outras pessoas que necessitam, e, para isso, eu tenho que me encher de coisas boas, para que eu possa dar. Hoje eu tenho outros valores. Hoje sou o Zemrude novo.*

Levando em consideração os relatos acima, podemos perceber que a aceitação dos limites da energia pessoal para a realização de nossas vontades nos conduz para uma outra face do processo de transformação, que inclui o “abandono da vontade pessoal”, na visão de Pargament (1997).

E ainda, na visão de Pargament (1997), numa conversão religiosa, em que ocorre o total abandono, o sagrado começa fazer parte da pessoa.

Ela poderá sentir uma outra força interior, talvez bem maior do que aquela já experimentada anteriormente. Com tal força interior, a pessoa poderá tornar-se capaz de encontrar novos caminhos e um novo sistema de crenças e valores, transformando todo o significado de sua existência. Assim, ela pode conseguir uma vida plena de novos significados, restabelecendo ou conquistando o equilíbrio e o bem-estar, tão necessários para sua caminhada.

Zemrude menciona os efeitos de ter dado um novo sentido para sua vida: amar e ser amado. Perguntei o que quer dizer com “eu tenho que me encher de coisas boas”.

*É como se eu fosse uma criança aprendendo a andar novamente. Este mundo em que vivo hoje, eu nunca havia conhecido. Hoje, é como se eu fosse uma criança vivendo uma série de coisas que eu não conhecia. Hoje, sinto vontade de amar, de ser amado, sinto vontade de dar o melhor de mim, de ajudar, de resgatar uma inocência que eu não vivi. Não vivi essa inocência com a minha esposa. Era só físico. Nós nos víamos, íamos para cama e acabou. Não tinha sentimento, não teve o namoro. Era só cama. Não existia um chamado em Deus.*

Zemrude clarifica o que entende por “encher-se de coisas boas” ao dizer que, além de desejar amar e ser amado, sente o desejo de dar o melhor de si, de ajudar e de resgatar uma inocência que não viveu. Perguntei o que significava a expressão “não existia um chamado em Deus”.

*Sim. Deus nos chama para amar e viver o amor dele. Ele tem um chamado especial na nossa vida, ele quer nos conduzir para ele.*

Zemrude diz que a vida tem um propósito final, e cada pessoa recebe um chamado especial para chegar até Deus.

Nesse contexto, os relatos de Zemrude nos remete a Frankl (1991). Ele nos diz que cada pessoa tem uma missão específica na vida e precisa executar uma tarefa concreta, que exige realização. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem sua vida pode ser repetida. E uma vez que cada situação da vida constitui um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema a resolver, pode-se, a rigor, inverter a questão pelo sentido da vida. Assim, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido de sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada.

Pedi que expressasse como se sentia ao descobrir que tem um chamado especial para chegar até Deus.

*Não é fácil. Mas eu tenho muita sede de experimentar esse sentimento de que minha vida tem um significado especial que não conhecia antes.*

Zemrude declara que se sente incapaz de expressar o que sente, mas se alegra com o novo significado que deu à própria vida. Com relação à busca de novos significados para a vida, Frankl (1989) nos diz que existe um verdadeiro significado para todas as pessoas e toda situação que existe fora delas. Sendo assim, no meio do tumulto e do desespero, a pessoa deve encontrar o seu significado.

Perguntei se as descobertas anteriores produziram algum efeito no seu convívio familiar.

*Sim, eu e minha esposa procuramos ser amigos. Ela também não me ama. Nem sei se um dia me amou. Acredito que não, para ela também era só cama. Eu até hoje não sei o que a levou se casar comigo. Talvez tivesse sido a minha juventude. Mas ela também não tinha cabeça, mesmo sendo mais madura que eu.*

Zemrude declara que procura ser amigo da esposa, mas ressalta que ainda duvida se algum dia ela o tenha amado. Por outro lado, reafirma que ele não a ama. Indaguei se algum dia ele perguntou se ela o amava.

*Não perguntei por que ela nunca me disse: Zemrude, eu te amo.*

Zemrude afirma nunca ter ouvido da esposa a declaração: “Zemrude, eu te amo”. Nessa declaração, parece-me que sua voz revelava muita tristeza pelo fato de não ter ouvido a declaração de ser amado. Pedi para que falasse o que pensa sobre seu futuro.

*Muitas vezes eu penso em me separar, mas não posso. Se fosse antigamente, eu me separaria, mas hoje eu não poderia.*

Zemrude confessa já ter pensado em separação, mas sente-se impedido. Pedi que falasse sobre o motivo que o impede a se separar. Ele abaixou a cabeça, fez um curto silêncio, depois falou:

*Eu me casei na igreja. Como eu ficaria na presença de Deus? Se me casar de novo, estaria cometendo um erro.*

Zemrude explica que não pode se separar da esposa por se ter casado na igreja.

Verificamos no caso de Zemrude a transformação de significados, do mesmo modo, podemos verificar também, a questão da conservação de significados. De acordo com Pargament (1997), a conservação de significados é o modo com que a pessoa preserva os significados em sua vida. No caso, Zemrude se utiliza da religião para preservar os novos significados em sua vida. Ainda de acordo com Pargament (1997), para se fazer instrumento de conservação a religião empreende alguns movimentos que podemos visualizar no caso de Zemrude.

Pedi que falasse mais sobre o fato de não poder se separar da esposa por ter casado na igreja.

*Como eu fui casado na igreja, estaria pecando. Se me separar e conhecer outra pessoa e me relacionar com ela, eu estaria cometendo adultério.*

Zemrude declara que a religião católica considera adultério quando a pessoa se separa e casa com outra.

Marcar limites é um dos movimentos empreendidos pela religião com a finalidade de auxiliar a conservação de significados. Nesse contexto, Pargament (1997, p.203 ) afirma que as religiões “marcam seu território, deixando bem definidas as regras que fazem de alguém um judeu, um protestante, um muçulmano, um hindu ou um católico, e principalmente, a diferença entre o sagrado e o profano, entre o puro e o impuro”.

Perguntei se estava convencido de que cometeria um adultério, caso se separasse e casasse com outra mulher

*Eu não sei. Mas algumas coisas para mim são muito difíceis.*

Zemrude não afirmou se estava convencido de cometer adultério, caso viesse a se separar da esposa e contraísse um novo casamento. Declarou que algumas coisas são difíceis para ele. Pedi que falasse sobre essas coisas que lhe pareciam difíceis.

*Eu não posso desagradar a Deus, um Deus tão maravilhoso, que me fortalece e me renova, e que está sempre do nosso lado.*

Zemrude confessa que não pode desagradar a Deus por achá-lo maravilhoso; ele o fortalece, o renova e está sempre a seu lado. Perguntei se estava realmente convicto de que estaria desagradando a Deus, ao se

separar e celebrar um novo casamento. Ele permaneceu em silêncio por alguns segundos e falou: *“Acho que sim, e, às vezes, penso que não.”*

Zemrude está confuso na hora de avaliar sua decisão. Às vezes, acha que estaria ofendendo a Deus; outras vezes, acha que não estaria ofendendo a Deus se viesse a concretizar seu desejo. Pedi que falasse sobre o que pensa de Deus.

*Acho que Deus é tão maravilhoso. Tudo compreende, tudo ama. Ele sabe de mim muito mais do que eu mesmo. Então, ele sabe do meu coração e da minha vontade de sentir, de amar, de ser feliz.*

Zemrude manifesta a nova representação mental que faz de Deus. Um Deus maravilhoso que tudo compreende, que ama as pessoas e que conhece totalmente o íntimo de seu ser. Pedi que falasse mais de Deus.

*Sim. Ele me compreende. Não sei se ele me condenaria, mas não quero decepcioná-lo. Mas é muito gostoso, é muito bom saber que ele me ama e não me condena.*

Zemrude enfatiza a compreensão que Deus tem do íntimo de sua pessoa. E, pelo fato de se sentir amado por Ele, é do parecer que não seria condenado. Percebi mais serenidade em Zemrude.

Podemos perceber nos relatos de Zemrude a perseverança, que é um outro movimento empreendido pela religião, que auxilia na conservação de significados. Segundo Pargament (1997), a perseverança diz respeito a capacidade que o homem possui de continuar vivenciando algo que, de algum modo, dá sentido a sua existência.

De acordo com Pargament (1997), a partir do momento em que a pessoa inclui o sagrado em sua vida, ele poderá, mesmo em momentos difíceis, perseverar em suas crenças religiosas.

Zemrude continua.

*A Diomira me ajudou muito, ela é uma mulher forte, mas eu não a amo.*

Zemrude confessa que Diomira, sua esposa, o ajudou muito. Ele a reconhece como uma mulher forte, mas finaliza confessando que não a ama. Pedi que falasse mais sobre sua esposa.

*Ela é uma mulher forte, e sempre foi. Antes de nos casarmos, ela já trabalhava, tinha um bom nível social e econômico. Hoje ela ainda trabalha para ajudar a manter a casa. Ela também me deu força para deixar as drogas.*

Zemrude descreve sua esposa como a mulher forte que trabalha, que tem um bom nível social e econômico, e que garante o sustento da família. Confessa também que lhe deu força para abandonar as drogas.

Novamente, podemos verificar a necessidade de apoio vivida por Zemrude. Nesse contexto, Pargament (1997, p.209) diz que “em tempos difíceis, as pessoas encontram ajuda em seus semelhantes.

Depois de uma descrição positiva da esposa, pedi que falasse sobre os motivos que o levou a se casar com ela.

*Quando me casei, acho que buscava uma mãe, não uma esposa.*  
(Ele sorriu).

Zemrude confessa que se casou para encontrar uma mãe, e não uma esposa. Indaguei se encontrou a mãe que desejava.

*Eu não encontrei uma mãe. Ao mesmo tempo, bem no meu íntimo, não queria a esposa e não a amava.*

Zemrude relata que não encontrou a mãe de seus sonhos, mas reafirma que não queria a esposa por não sentir amor por ela. Perguntei quando percebeu que não queria a esposa porque não a amava.

*Que eu não amava minha esposa, eu sempre soube, desde o início. Mas a distância maior aconteceu quando eu fui internado. Quando eu cheguei em casa, foi como se ela não me conhecesse, e eu também. Pensei até que ela tinha outra pessoa. Chegamos até discutir por causa desse assunto. Mas, às vezes, eu cheguei a pensar que ela teve outro.*

Zemrude confessa que nunca amou a esposa. Detalha que sentiu o distanciamento da esposa no ato da internação; e, na volta ao lar, foi recebido com frieza por ela como se fossem dois desconhecidos. Zemrude chegou a suspeitar de que tivesse um amante, e, em vista disso, tiveram discussões. Perguntei o que representou isso em sua vida.

*No início não foi fácil. Mas nós conversamos muito. Ela não estava aceitando muitas coisas em mim e eu também não aceitava mais algumas coisas nela.*

Zemrude relata que não foi fácil tentar uma reaproximação porque não havia aceitação das limitações mútuas. Pedi que falasse sobre as mútuas limitações.

*Ela começou a achar ruim eu sair para ir à igreja e para o grupo de oração, aqui na instituição. Ela dizia que eu chegava muito tarde. Eu sempre chamei ela para vir comigo, mas ela nunca quis.*

Zemrude começou dizendo que a esposa não aceitava que ele fosse à igreja e participasse do grupo de oração porque retornava muito tarde. Para evitar que ela ficasse só, Zemrude a convidou a participar, mas ela não aceitou.

Podemos verificar novamente, a busca de apoio empreendida por Zemrude.

Pargament (1997), nos diz que em um processo de conservação o suporte religioso é oferecido, pelos indivíduos de forma isolada, pelos agrupamentos religiosos, na literatura religiosa, em imagens de um Deus de amor, e nas orações, que se mostram como um meio de comunicação entre o homem e Deus. Nesse caso, o suporte religioso auxilia a continuidade de um estilo de vida, mesmo em momentos de crise.

Pedi que falasse sobre sua frequência de ir à igreja.

*Eu sempre venho para o grupo de oração, sempre vou à missa e saio para fazer pregações quando me chamam. Isso tudo me faz sentir bem, me dá força. Para mim é muito importante estar sempre em contato com Deus. Poder sentir Deus e falar de Deus.*

Zemrude relata que sempre vai ao grupo de oração, sempre vai à missa e que exerce uma atividade de pregação, quando solicitado. Confessa que tudo isso lhe proporciona bem-estar e sente-se fortalecido. Por isso, considera muito importante estar em contato com Deus. Pargament (1997), com relação à participação em grupo religioso, irá nos dizer que o grupo além de servir como um meio de transformação de significados, do mesmo modo pode servir como um meio de manutenção ou conservação de significados.

Pedi que falasse sobre a participação da esposa em suas atividades religiosas.

*Ela dizia que não queria deixar passar sua vida enfiada na igreja, rezando em grupos de oração. Aí, ela ficava em casa e eu ia; às vezes, eu*

*nem ia e, às vezes, ela ia; mas eu via que ela não gostava muito. Era difícil ela me acompanhar.*

Zemrude enumera algumas motivações apresentadas pela esposa para não o acompanhar à igreja. Depois, confessa que, às vezes, ela ia à igreja embora não gostasse. Finaliza dizendo que ele ia à igreja mesmo sem a companhia da esposa. Perguntei se já havia pensado como resolver esse conflito.

*Sim... Minha vontade é de me separar e poder viver um amor. A Diomira também não me quer. Nós somos amigos debaixo do mesmo teto. Já chegamos a essa conclusão.*

Zemrude afirma que já pensou em se separar para viver um amor. Declara que ambos chegaram à conclusão de que não se amam, ainda que vivam debaixo do mesmo teto. Sugeri que falasse sobre a demora na separação, visto que ambos concordam.

*Sim. Para eu me separar e poder viver um amor com outra pessoa, eu perderia a comunhão, e este é um preço muito alto. Eu não sei o que fazer.*

Zemrude relata que a dificuldade de separar-se para viver com outra pessoa, está relacionada com a perda do direito de comungar. Ele considera isso uma perda muito grande.

A comunhão, para os católicos, é uma forma de ligação existente entre o homem e Deus. O ato da comunhão permite ao homem vivenciar uma estreita comunicação com Deus, ou seja, comungar é receber o corpo e sangue de Cristo. Assim, a experiência de receber a hóstia adquire um outro significado que aponta para uma outra realidade. Além disso, o ato de comungar está intimamente relacionado com as normas religiosas. Assim,

para comungar é necessário que a pessoa se enquadre nos moldes religiosos.

E quando o homem comete alguma ação que transgride as convicções existentes na religião quanto ao certo ou errado, a ligação existente entre ele e o sagrado fica estremecida. Com isso, um simples erro se torna um pecado, que o amor divino pode perdoar, a partir do momento em que a pessoa se arrependa e volte para os enquadres religiosos.

Pargament (1997), compreende o processo acima como uma forma que a religião utiliza para estabelecer e preservar os caminhos que ligam o homem a Deus, e chama esse processo de reconstrução do percurso.

O conflito interno que Zemrude carrega se faz muito pesado para ele suportar. Ter que viver com uma pessoa que não ama, para ele é muito doloroso. Entretanto, ele não consegue se desvincular em virtude de sua religião e dos valores que agora carrega consigo.

Pedi que falasse sobre as conseqüências que adviriam depois da separação.

*Sim. Separar-me da Diomira é muito difícil para mim. Na verdade, o difícil não é eu me separar. O difícil é que para eu me separar eu teria de deixar de lado uma série de coisas que para mim são importantes, como a comunhão.*

Zemrude afirma que a separação da esposa se torna difícil pela perda de coisas que ele considera importantes. Ele explicita apenas a perda do direito de comungar. Indaguei se ele tinha certeza de que havendo separação, não poderia mais comungar.

*A simples separação da esposa não me impede de receber a comunhão. Mas, depois da separação, eu desejo encontrar uma mulher que me ame.*

Zemrude sabe que pode separar-se e continuar a comungar, contanto que não venha a contrair um novo casamento. Porém, ele deseja construir um novo lar. Pedi que falasse sobre o que sentiria se viesse a se casar novamente.

*Eu cometeria um pecado.*

Zemrude declara que pecaria. Pelas crenças religiosas que traz consigo, separar-se da esposa e vincular-se a uma outra se tornaria um pecado.

Segundo Pargament (1997), toda ação que transgride as convicções existentes na religião pode se tornar um pecado, visto que essa ação pode abalar a ligação existente entre o homem e Deus.

Zemrude continua:

*E também tem o meu trabalho que eu faço aqui com os “meninos”, que também é muito importante. Eu não sei se eu conseguiria ficar sem os “meninos”.*

Zemrude reconhece que pecaria. Ao mesmo tempo, temia a possibilidade de não poder mais trabalhar com os “meninos”. Pedi que falasse sobre esta possibilidade.

*Aqui é o meu trabalho, o lugar onde eu me realizo. Trabalhar com os “meninos” é muito importante, eles fazem parte de mim. E a instituição não ia aceitar que eu me separasse e arrumasse outra pessoa e continuasse aqui, com o meu trabalho.*

Zemrude declara que se sente realizado ao trabalhar com os “meninos”; por isso, essa tarefa é muito importante para ele, faz parte do próprio viver. Assim, teme que a instituição não tolere sua presença, caso se casasse novamente. Percebendo a contradição interna que vivia, perguntei-lhe se já havia falado sobre isso, com a Direção da instituição.

*Eu não perguntei porque eu já faço parte da comunidade vida e trabalho para ela, por isso eu não posso sair e continuar trabalhando com os “meninos”. Essa é uma norma daqui. Eu poderei vir para visitar somente e fazer alguns trabalhos pequenos como voluntário, mas continuar o meu trabalho com os “meninos” não poderia.*

Zemrude declara que não se informou com a Direção porque conhece as normas da instituição. Poderia apenas visitar os “meninos”. Aproveitei para alertá-lo de que cada escolha implica uma perda.

*É verdade, mas eu tenho medo de errar de novo. Eu não posso mais errar.*

Os erros ou pecados, no contexto religioso, podem ser perdoados a partir do momento que a pessoa se arrependa e volte a seguir os caminhos que a religião lhe oferece. Pargament (1997) chama esse movimento de purificação religiosa, que tem o intuito de preservar os caminhos que ligam o homem a Deus.

Entretanto, Zemrude está ciente de que em cada escolha há um ganho e uma perda. Ele não quer errar novamente. Comentei com ele que erros e acertos fazem parte da nossa vivência. São experiências que vamos acumulando durante nossa trajetória e a partir delas vamos crescendo e amadurecendo e aprendendo a lidar melhor com as situações. Ser correto consigo mesmo e com o outro, defender-se, expressar seus pensamentos, seus sentimentos e seus valores também é importante.

Percebo que à medida que Zemrude vai se expondo e falando, ele começa a pensar melhor sobre suas vivências e seus medos, encontrando respostas e aliviando sua carga emocional, que parece ser pesada para carregá-la sozinho.

Numa outra sessão, Zemrude continuou falando de seu casamento e de seus sentimentos em relação à sua esposa.

*Eu não sei o que fazer. Tem alguma coisa errada comigo.*

Zemrude sente-se confuso; não sabe o que fazer porque teme que exista algo de errado nele. Pedi que falasse sobre isso.

*Eu não consigo ter desejo pela minha esposa. Não consigo nem manter relações sexuais com ela. Eu não consigo. Não consigo ficar excitado.*

Zemrude descreve a situação de desconforto que está passando, visto não conseguir manter relações sexuais com a esposa e nem sentir-se excitado. Pedi que falasse sobre o tempo que estava sofrendo com isso.

*Sim. Faz tempo. Mas agora está piorando. E o pior é que ela me cobra. Mas eu não consigo (momentos de silêncio). Eu não consigo ficar com ela porque não a amo mais. Eu quero fazer amor e não fazer sexo. E a minha religião não permite que eu me separe e arrume outra pessoa.*

Zemrude reconhece que o problema existe há muito tempo, porém, agora estava se acentuando pelo fato de se sentir cobrado pela esposa. Declara que não a ama, e, por isso, não quer conviver com ela. Ele gostaria de fazer amor e ela, sexo.

Zemrude evidencia um conflito interno, que surge a partir do momento em que busca a conservação dos novos significados por meio da

religião, e segundo Pargament (1997), a religião se faz um meio de conservação de significados, do qual o indivíduo pode se utilizar.

Perguntei se já tinham conversado sobre isso.

*Sim, falei. Mas ela não falou nada.*

Zemrude confessa que já havia falado com a esposa sobre o que estava acontecendo, mas sentiu-se embaraçado e confuso com o silêncio dela. Perguntei se sempre fica embaraçado e confuso quando alguém não lhe responde.

*Fico. E fico imaginando o que a pessoa deve estar sentindo.*

E o que imaginou que a Diomira estava sentindo?

*Imaginei que ela sabe que deve ter algo errado comigo.*

Zemrude continua.

*E deve mesmo ter algo errado comigo. Não estou feliz. Não estou feliz comigo mesmo. Eu não consigo nem ficar excitado diante de outra mulher bonita.*

Zemrude expressa que não se sente contente nem consigo mesmo. Além disso, continua fazendo hipóteses de que deve haver algo de errado consigo mesmo, já que não se excita na presença de mulher bonita. Indaguei se ele julga necessário excitar-se diante de uma mulher bonita.

*Eu acho que sim, porque meus colegas falam que ficam excitados. Como eu não fico, deve ter algo de errado.*

Zemrude avalia sua situação tomando como parâmetro o que lhe dizem e sentem seus colegas. Assim, não tendo as mesmas reações, julga-se portador de alguma deficiência. Pedi que falasse como se sente ao olhar uma mulher bonita.

*Eu sou casado, mas não tenho mais nada com minha esposa. Eu não posso olhar outras mulheres e sentir desejo, isso também é errado, é pecado porque sou casado.*

Zemrude declara que está casado, mas não sente atração pela esposa. Assim, pelo fato de estar casado, é do parecer que não deve olhar para outras mulheres e desejá-las. Considera errado olhar para elas, e considera pecado desejá-las.

Notamos nesse contexto, a inclusão do sagrado na vida de Zemrude e as dificuldades que Zemrude vivencia para conservar, por meio da religião, os novos valores adquiridos. No que se refere a essa questão Pargament (1997), nos diz que a História da humanidade está repleta de pessoas que mesmo em meio a crises se negaram a abandonar suas crenças e práticas religiosas. Pargament (1997) denomina esse movimento de perseverança religiosa.

Por ter omitido o que sente, sugeri que falasse sobre o que sentia, ao olhar mulheres bonitas.

*Eu gostaria de ficar excitado; depois, estabelecer um relacionamento e, finalmente, transar com ela. Mas eu sei que isto é pecado.*

Zemrude expressa o que gostaria de sentir e de fazer ao olhar para mulheres bonitas. Finaliza dizendo que considera pecado o que desejaria sentir e fazer ao olhar mulheres bonitas. Pedi que dissesse por que considera pecado.

*Se transasse com outra mulher, eu não seria coerente com a religião que abracei.*

Zemrude ressalta que se transasse com outra mulher não seria coerente com a religião que abraçou. Em vista disso, pedi para que explicitasse o que entendia por ser coerente.

*Eu sou católico. Pela religião católica, quem é casado deve ser fiel à esposa que escolheu.*

Zemrude afirma que, para ser coerente com a religião que abraçou, deve ser fiel à esposa.

De acordo com Pargament (1997), as religiões desempenham a ação de marcar seus limites para auxiliar na conservação de significados. Elas estabelecem normas e sanções que variam de uma religião a outra, que além de servirem para manter significados, também as distinguem.

Investiguei se ele julga importante ser coerente com a religião.

*Eu me sinto melhor quando sou coerente com aquilo que creio.*

Zemrude confessa que se sente melhor quando é coerente com aquilo que acredita. Indaguei como consegue conciliar seus sentimentos ao conviver com uma pessoa que não ama.

Zemrude não soube responder de imediato. Ficou calado, olhando para o chão como se estivesse procurando algo perdido. Pareceu-me que ficou desorientado com o questionamento.

Por um tempo, ficou em silêncio, pareceu-me um silêncio reflexivo, como se estivesse fazendo uma retrospectiva de tudo que havia vivido, falado e ouvido, para poder encontrar suas próprias respostas.

*É verdade!...Como ficam meus sentimentos... Tudo está confuso e dói muito..*

Zemrude declara que se sente confuso e é doloroso conviver com uma pessoa que não ama. Pedi que delimitasse os assuntos que geram confusão e dor ao fazer escolhas e executar ações para sua realização pessoal.

*Minha confusão gira em torno da religião, da fidelidade conjugal e o desejo de um novo casamento.*

Zemrude localiza as fontes geradoras de confusão: ser coerente com os ensinamentos religiosos, permanecer fiel à esposa e desejar um outro casamento. Solicitei que indicasse qual delas considera a mais importante.

*A religião me ajudou a mudar minha vida. Eu gostaria de achar uma solução para separar-me da minha esposa que não amo mais, e uma maneira de começar um novo casamento, sem ferir as normas da religião que escolhi.*

Zemrude confessa que a religião o ajudou a mudar de vida. Confessa também que deseja achar uma solução para se separar da esposa que não ama, e poder estabelecer um novo casamento, sem ferir as normas da religião que escolheu.

Como podemos ver no caso de Zemrude a religião, de acordo com Pargament (1997), pode desempenhar as funções de transformação de significados e ainda, se utilizado de alguns movimentos, pode auxiliar na conservação de significados.

Uma forma de conservação de significados, de acordo com Pargament (1997), é a reestruturação religiosa, que é a capacidade que o

homem adquire por intermédio da religião, de vislumbrar os acontecimentos de sua vida de um modo ameno, a partir do momento que se volta para o contexto religioso. Zemrude nesse sentido, mesmo em meio às crises, consegue vislumbrar de modo positivo muitos acontecimentos em sua vida. e consegue também, perceber os ganhos que a religião lhe proporciona.

Sendo assim, não é somente marcando limites que a religião desempenha a função de conservar significados. De acordo com Pargament (1997), num mundo que abriga uma infinidade de crenças religiosas, as regras e proibições podem não ser suficientes para sustentar os significados de uma vida. Assim, a religião pode se utilizar de outras formas, que, do mesmo modo, auxilia o homem na missão de se manter.

Pedi que expressasse seu desejo relativo à separação da esposa, olhando apenas para seus sentimentos.

*Eu gostaria de achar uma maneira de me separar de minha esposa, sem desobedecer às leis de minha religião.*

Zemrude deseja encontrar um amparo legal para se separar da esposa, sem ferir as leis da religião.

Podemos perceber que Zemrude se sente impedido da auto-realização, no que se refere a sua questão sentimental, em virtude dos preceitos religiosos que internalizou. Entretanto, consegue enxergar a religião e determinados acontecimentos em sua vida, de forma positiva. No relato acima ele confessa que a religião o ajudou a mudar de vida, e essa mudança para ele foi positiva, mesmo resultando em alguns conflitos internos.

Pedi igualmente que expressasse suas vontades em relação ao futuro, olhando apenas para seus sentimentos.

*Eu gostaria de achar uma mulher que gostasse de mim e casar com ela, sem ficar impedido de comungar.*

Zemrude manifesta o desejo de encontrar uma mulher que o ame e que ele a possa amar, sem perder o direito de receber a comunhão.

As religiões se movimentam atribuindo, muitas vezes, penalidades para os que ultrapassam os limites estabelecidos por suas normas. Esse movimento, segundo Pargament (1997), estimula as pessoas a manterem um estilo de vida, mesmo em momento de crise.

Eu disse: em diversos momentos você afirmou que nunca amou sua esposa, que não queria casar, mas não deu para voltar atrás. Parece-me que na sua religião existe um Tribunal Eclesiástico para julgar a validade de casamentos realizados nas condições que você me relatou. Parece-me que seria conveniente buscar esclarecimentos sobre isso. O que você acha?

Ele parou e pareceu-me melhor ao pensar nessa possibilidade.

*Vou procurar um padre para que ele me oriente*

Pareceu-me que o silêncio de Zemrude fora uma confissão de que havia deixado passar despercebida a existência de um Tribunal Eclesiástico para julgar a validade do casamento. Podendo vislumbrar essa possibilidade, prontificou-se em buscar informações sobre seu caso.

Na sessão seguinte, Zemrude disse que já havia procurado o padre responsável por processos de anulação de casamento. Depois de ouvir o relato de como aconteceu o casamento e da situação atual, o padre aconselhou-o a entrar com um pedido de anulação do casamento. Pedi que expressasse o que estava sentindo com a nova possibilidade.

*Eu me sinto bem. Agora é como se eu estivesse vendo uma luz no fim do túnel. Conversei com a Diomira sobre isso, e ela concordou. É um processo que pode ser demorado, e também corro o risco de não conseguir, mas eu quero prosseguir.*

Zemrude declara que se sentiu bem com a notícia de poder pedir a anulação do casamento. Conversou com a esposa, Diomira, que também concordou com esse pedido. Informou que o processo pode demorar juntamente com a possibilidade de não obter a declaração de nulidade do casamento. No entanto, ele quer prosseguir. Pedi que se manifestasse sobre a demora desse processo e sua inviabilidade.

*De qualquer jeito, o meu casamento já acabou. Se demorar muito ou se eu não conseguir, depois eu vejo como eu faço. O que não dá é para continuar desse jeito.*

Zemrude confessa que seu casamento já acabou e que não dá para continuar assim. Com essa afirmação percebo que Zemrude está certo e seguro do que quer. Quanto à duração do processo ou ao seu indeferimento, confessa que tomará uma decisão posteriormente. Pedi que se manifestasse sobre o que pretende fazer, na hipótese do pedido ser indeferido.

*Eu já pensei. Vou apenas me separar para não perder a comunhão e depois eu penso sobre um outro possível relacionamento.*

Zemrude declara que já planejou como irá proceder na hipótese de não obter a anulação do casamento. Nesse caso, apenas vai se separar para conservar o direito de comungar. Depois de ter manifestado o que vai fazer, independente da sentença do Tribunal Eclesiástico.

Zemrude continua empreendendo movimentos para conservar os novos significados em sua vida, por meio da religião que, novamente de

acordo com Pargament (1997), encoraja a pessoa a manter um conjunto específico de valores.

Pedi que expressasse como se sente.

*Sim. Eu me sinto bem e tudo me parece mais claro.*

Zemrude confirma que se sente bem porque tudo lhe parece mais claro sobre o que fará no futuro.

Na sessão seguinte, Zemrude relatou que se sentia mais seguro e mais esperançoso sobre seu futuro. Disse-me que a terapia estava lhe fazendo bem, por isso havia conseguido elaborar alguns objetivos que queria alcançar.

Depois de um curto silêncio disse:

- *Quero sentir-me mais seguro;*
- *Quero me valorizar mais;*
- *Quero realizar uma separação amigável;*
- *Quero melhorar meu relacionamento com as mulheres, e, se possível, partir para um novo casamento.*

Zemrude, depois de ter mais clareza sobre seu futuro, enumera quatro objetivos que quer atingir: sentir-se mais seguro, valorizar-se mais, realizar a separação de forma amigável, melhorar seu relacionamento com as mulheres e dar passos para um novo casamento.

Falei-lhe que é bom estabelecer objetivos na vida. Porém, será conveniente estabelecer parâmetros para avaliar sua obtenção, assim evita-se que fiquem apenas nas “boas intenções”.

Você diz que quer sentir-se mais seguro. Fale sobre isso?

Sim. Eu quero estar cada vez mais seguro de mim. E *quando conseguir falar o que penso, o que sinto, olhando para as pessoas. Quando souber me defender, e defender minhas idéias, me sentirei melhor. E isso é um crescimento que eu estou alcançando.*

Zemrude enumera comportamentos que revelam sua segurança interior: ser capaz de expressar o que pensa, o que sente, olhando para as pessoas; saber defender-se e defender as próprias idéias.

Nesse contexto Geertz (apud Pargament 1997), nos diz que um dos movimentos da religião é ajudar a pessoa a dar um novo significado às suas vivências, mantendo uma relação com o universo sagrado. Do mesmo modo, a religião pode também, auxiliar a pessoa a empreender um movimento de maturação religiosa e desenvolvimento.

Pedi também que falasse sobre se valorizar mais.

*Preciso me valorizar mais. Ver minhas qualidades, não deixar que as pessoas me digam o que fazer. Quero conseguir caminhar sozinho, parar de me queixar do que me aconteceu e olhar mais para minhas qualidades.*

Zemrude elenca aspectos importantes para sua autovalorização: quando for capaz de caminhar sozinho, cessar de se queixar do passado, e olhar mais para suas qualidades. Pedi que relatasse como poderá ser avaliada a separação amigável.

*Nós dois já concordamos, mas ainda estamos juntos. Quando eu morar na minha casa e ela na dela. A separação deve acontecer sem brigas.*

Zemrude relata como deve ocorrer a separação amigável: a concordância de ambos, cada um morar na própria casa, e separação sem brigas.

Anteriormente você disse que um outro objetivo se refere ao seu relacionamento com as mulheres. Fale sobre isso.

*Sim. Quero voltar a me aproximar das mulheres e ser capaz de namorar sem peso na consciência.*

Para Zemrude, melhorar o seu relacionamento com as mulheres significa conseguir falar com elas e namorar.

Pedi que falasse como imaginava ser um novo casamento.

*O novo casamento vai depender da anulação daquele que tenho. Não quero mais errar. Vou escolher uma mulher que me ame e que eu a ame.*

Zemrude esclarece que haverá um novo casamento somente depois da anulação do atual. Diz que não quer mais errar, por isso vai escolher uma mulher que o ame e que ele a ame.

Percebemos que Zemrude busca um sentido para sua vida e nessa busca, muitas vezes, a religião se apresenta como um veículo de auxílio, possibilitando o encontro de um sentido que possa realizá-lo

Nesse sentido, James (1995) liga o sentido da religião ao sentido da vida. Para ele, a religião auxilia o homem a compreender o seu lugar na natureza e entre os outros e também, ameniza o esforço de lidar com suas

inquietações e o conduz a um sentido mais amplo e sagrado. Ainda para James (1995), nas experiências religiosas, o percurso trilhado é semelhante ao sentimento de alegria e segurança, evidenciando a certeza da existência de um poder maior e ideal.

Segundo James (1995) o homem, ao estabelecer uma comunhão com o invisível, pode sofrer transformações. E essas transformações podem ter um aspecto regenerativo.

Numa outra ocasião, relatou que se permitiu a olhar algumas mulheres com as quais se deparava. Ao conversar com algumas, conseguiu olhar nos olhos e mesmo expressar alguns sentimentos. Finalizou dizendo que se sentiu muito bem e que se comunicou com mulheres muito bonitas, e isso lhe dava muita esperança de um dia encontrar a esposa que deseja amar.

Relatou também que havia encontrado uma antiga conhecida. Disse que essa moça era muito bonita e morava no mesmo bairro. Ele a encontrou no ponto de ônibus e começaram a conversar. A moça durante todo o tempo ficou olhando-o e se insinuando. Por três vezes, em dias diferentes, ele passou perto do ponto e a encontrou. Conversaram um bom tempo, e até começaram a paquerar. Na quarta vez, ele passou perto do ponto e viu a moça esperando-o de carro. Ela o chamou e ofereceu-lhe uma carona. Ele aceitou. Nesse dia, eles ficaram conversando e se beijaram. Depois dos beijos, a moça o convidou para jantar na casa dela. Ela era solteira e morava sozinha. Ele não deu certeza, mas, interiormente, já havia resolvido de não ir ao jantar. Pedi que relatasse como se sentiu nos diversos encontros.

*Todos foram muito gostosos, e me fizeram bem. O beijo tinha sido muito bom, mas estou me sentindo culpado.*

Zemrude confessa que os encontros foram positivos e o tiraram da fossa. Entretanto, sentia-se ainda culpado pelo beijo gostoso. Pedi que relatasse porque se sentiu culpado.

*O beijo foi muito bom, mas eu não podia ter beijado ela. Eu não devia ter deixado aquilo acontecer.*

Zemrude confirma que o beijo foi gostoso, mas continua censurando-se pelo ato praticado, e que não devia ter agido assim. Perguntei o motivo para não se permitir tal vivência.

*Eu quero encontrar alguém que eu ame e que possa me amar também. Enquanto eu não a encontro, eu tenho que me encher de coisas boas para poder oferecer a esta pessoa. Eu quero me guardar para esta pessoa, e quando ela aparecer eu poder oferecer a ela tudo que eu tenho de bom.*

Zemrude reafirma que procura uma pessoa para amar e ser amado. Enquanto isso não acontecer, quer progredir em todos os aspectos para causar alegria à pessoa que encontrar. Pedi que explicitasse o que queria dizer com a expressão “eu tenho que me encher de coisas boas para poder oferecer a esta pessoa”.

*Eu quero conhecer uma pessoa especial, que eu ame e que me ame, e não sair com qualquer mulher que eu encontrar. Quero conhecer a pessoa que vai me realizar e que eu também vou realizar. E esse momento deve ser especial.*

Zemrude confirma seu grande desejo: encontrar uma pessoa para amar e sentir-se amado por ela. Essa pessoa deve realizar seu sonho de amar e ser amado. Por isso, não se permite sair com qualquer mulher que encontrar. Indaguei se esquecera de que um de seus objetivos é melhorar

seus relacionamentos com as mulheres, e como poderá realizá-lo se não se permite sair com elas.

*Já tinha esquecido.*

Zemrude relata que havia esquecido esse objetivo. Disse a ele que é através dos relacionamentos interpessoais que conhecemos as pessoas, e assim podemos concluir se é a pessoa que buscamos ou não. E perguntei se havia alguma culpa nisso.

Depois de um curto silêncio, falou:

*Você está certa. Mas eu queria que a pessoa que me encantar tivesse uma boa impressão de mim, e visse tudo o que eu tenho de bom para lhe oferecer.*

Zemrude concorda que os relacionamentos interpessoais permitem conhecer melhor as pessoas. No entanto, ele está preocupado em causar uma boa impressão para que ela percebesse como ele é uma pessoa de valor.

No momento, recordei-lhe que cada pessoa é única, e que a visão dos fatos se modifica, como os objetos coloridos do caleidoscópio. Assim, um mesmo ato pode receber interpretações diferentes por parte das pessoas.

Nesse ponto, finalizou-se a sessão e deixei que Zemrude refletisse. Percebi que ele saiu mais aliviado nesse dia.

Numa outra ocasião, Zemrude relatou que, ao chegar em casa, sentiu-se mais seguro. Contou também que precisou de mais tempo para elaborar tantas informações e descobertas. Disse que está ficando sempre mais consciente em assumir as responsabilidades pelas novas decisões que

vai tomando. Disse também que no trabalho com os “meninos” sentiu-se mais seguro. Pedi que relatasse alguns sinais que evidenciassem sua segurança.

*Quando falo com eles, consigo olhar nos olhos deles. Falo com palavras mais belas.*

Zemrude cita dois tópicos que manifestam sua maior segurança: olhar nos olhos dos “meninos” enquanto fala com eles, e usar palavras mais belas. Pedi que clareasse o que quer dizer com palavras mais belas.

*Agora sou mais paciente porque me lembro de ter sofrido como eles. Agora, eu falo com eles com palavras mais belas.*

Zemrude relata que, ao recordar o que ele mesmo sofreu como drogado, sentiu-se motivado a ser paciente com os meninos, e usar palavras mais encorajadoras.

Percebemos que Zemrude, durante sua caminhada, vai oferecendo significados à sua vida. Tais significados, o fazem sentir-se mais realizado.

Podemos, nesse contexto, citar Sapienza (2004, p.30). Ela diz que, se concebermos o ser humano como “atribuidor de significados,... e isso quer dizer achar sentido, poderemos perceber o quanto o sofrimento do homem tem a ver com a dificuldade de encontrar sentido no que está vivendo ou de ir ao encontro do que daria sentido à sua vida, ou seja, a dificuldade está exatamente no cerne do existir”.

Pedi que dissesse como eles reagiram.

*Eles dizem que se sentem muito seguros comigo, e querem me imitar.*

Zemrude relata que os “meninos” querem imitá-lo porque se sentem mais seguros. Percebo que apesar das dores, Zemrude consegue transmitir confiança e segurança para os “meninos”. Pedi que descrevesse como se sente quando eles falam assim.

*Antes, eu gostava muito deles. Agora fico pensando neles a todo momento, mesmo quando estou em casa.*

Zemrude confessa que gostava dos “meninos”, mas, agora pensa mais vezes neles, mesmo quando está em casa. Pedi que falasse sobre sua atuação com os “meninos”.

*Eu acho que mudei bastante.*

Zemrude reconhece que mudou bastante seu relacionamento com eles. Pedi que dissesse o que é bastante para ele.

*Eu já vou mais alegre para a instituição. Vou com roupa mais cuidada. Tenho mais paciência, também rezo por eles e sou mais feliz.*

Zemrude detalha o que representa ter mudado bastante: vai mais alegre para o trabalho, e com roupa mais cuidada; tem mais paciência com os “meninos”, reza por eles e se sente mais feliz. Pedi que exemplificasse quando se mostra mais paciente.

*Agora, fico escutando e olho nos olhos deles. Às vezes, eu choro junto com eles porque fico recordando minhas baladas.*

Zemrude relata que sua paciência se manifesta quando escuta e olha para os “meninos”, e quando chora com eles, ao recordar as baladas. Nesse movimento, eles conseguem partilhar suas tristezas e desse modo, aliviar os corações e a mente das tensões.

Esse movimento de Zemrude, pode ser compreendido segundo Allport (1970). Ele nos diz que é numa constante transformação que a pessoa procura um modo mais seguro e tranqüilo de viver. Esse movimento a ajuda superar as dificuldades e as dores que a vida lhe proporciona.

Para avançarmos na compreensão do caso de Zemrude, ainda podemos continuar considerando Allport (1970, p. 128). Ele fala que “a religião fortalece o indivíduo contra os ataques da ansiedade, da dúvida e do desespero; provê igualmente a intenção prematura que o capacita, em cada estágio de seu desenvolvimento, a relacionar-se inteligivelmente à totalidade do Ser”.

Pedi que manifestasse o que sente quando recorda as baladas.

*Às vezes, eu choro como já falei; outras vezes, eu sinto vergonha do que fiz. Outras vezes... (desatou em prantos) (depois de um suspiro) Outras vezes, eu gostaria de acabar com meu passado, voltar a ser criança e fazer as coisas certas.*

Zemrude, ao recordar as baladas, confessa que chora; que sente vergonha do que fez; que gostaria de acabar com o passado; de voltar a ser criança e agir corretamente. Pedi que expressasse o motivo de querer acabar com o passado.

*As recordações do passado atormentam minha vida.*

Zemrude afirma que as recordações do passado lhe atormentam a vida. Para trazê-lo à realidade, fiz-lhe a seguinte intervenção: “Você disse que as recordações do passado atormentam sua vida. O tormento começa antes ou depois da recordar os fatos do passado?”

*Depois.*

Zemrude reconhece que o sofrimento surge depois de recordar os fatos. Pedi que relatasse quem recorda o passado.

*Sou eu.*

Zemrude confessa que é ele quem recorda o passado. Novamente para trazê-lo à realidade, pedi que reconhecesse que as lembranças perturbam sua vida apenas quando são recordadas por ele. Pedi que declarasse quem se atormenta com as lembranças do passado. Zemrude ficou calado. Pareceu-me que estava surpreso com a confrontação. Depois, falou sem expressão.

*Ih!.. Será que sou eu que me atormento! Mas eu não quero me atormentar.*

Zemrude reconhece que é ele que se atormenta ao recordar o passado. Ao mesmo tempo, declara que não quer mais se atormentar. Achei oportuno recordar-lhe que o mesmo fato acontece somente uma vez. No entanto, cada vez que é recordado, você revive a emoção, e se atormenta. Pedi que declarasse até quando vai recordar fatos tristes.

*Eu gostaria de parar agora. Eu não sabia que me atormentava.*

Na semana seguinte, relatou que ao chegar em casa sentia-se leve como se tivesse perdido um peso enorme que o sufocava. A própria Diomira comentou que o percebia mais alegre. Naquela noite, saiu de casa para ir rezar com a comunidade religiosa. Ao chegar no local do encontro, os colegas já o esperavam. Teve a impressão de que os abraços eram diferentes e expressavam mais amor.

Depois da leitura de um texto bíblico, houve uns minutos de silêncio, seguidos de partilha. As preces comunitárias eram cheias de unção. As melodias dos cantos ressoavam pelo o ambiente, tornando-o festivo.

Após o encontro, algumas pessoas retornaram logo aos lares, e outras permaneceram no recinto da reunião. As conversas eram amenas e contagiavam pela alegria. Nesse ínterim, Zemrude começou a observar uma mulher e os olhos se cruzaram. Aproximou-se dela e conversaram. Durante a conversa, a mulher percebeu que ele estava alegre, descontraído, diferente dos outros encontros. Curiosa, perguntou-lhe:

– O que lhe aconteceu? Você está diferente?

– Diferente como?

– Você está mais cuidado em sua roupa e em seu cabelo; você está mais alegre, está mais encantador.

Zemrude ficou emocionado e sentiu-se valorizado. Enquanto os dois caminhavam para casa, revelou-lhe que havia traçado novas metas para a sua vida, e algumas delas já estavam sendo implementadas.

Enquanto fazia o relato, a mulher ofereceu-lhe a mão e os dois continuaram de mãos dadas. Ao se despedirem, selaram a conversa com um abraço afetuoso e um beijo no rosto.

Durante o relato, Zemrude estava descontraído e feliz como um adolescente que dá os primeiros passos na descoberta do amor. Pedi que relatasse como interpretou o encontro com aquela mulher.

*Foi muito bom, para mim. Mas fiquei um pouco envergonhado quando ela me elogiou.*

Zemrude reconhece que o abraço lhe fez bem, e, quando foi elogiado, sentiu-se envergonhado. Pedi que declarasse se gosta de ser elogiado.

*Eu gosto, mas fico envergonhado.*

Zemrude aprecia os elogios, porém sente-se envergonhado. Procurei investigar se, no seu passado, recebia elogios. Pedi que declarasse se era elogiado na escola.

*Na escola, os professores me xingavam e os colegas riam de mim.*

Zemrude, como estudante, relata que era xingado pelos professores e ridicularizado pelos colegas. Pedi que relatasse como reagia.

*Eu tinha medo dos professores e ficava calado. Com os colegas, eu brigava. Eu não gostava da escola.*

Zemrude relata que temia os professores e, por isso, ficava calado; com os colegas brigava e não gostava da escola. Investiguei se ele tinha o costume de elogiar as pessoas, nas baladas.

*Nas baladas, eu dizia besteiras ou fazia gracinhas. Mas era só para conquistar as meninas.*

Zemrude declara que dizia besteiras ou fazia gracinhas com o objetivo de conquistar as meninas. Indaguei se ele tinha o costume de elogiar a esposa.

*Poucas vezes. Nós brigávamos muito. Mas eu comecei mudar depois que eu entrei na religião católica.*

Zemrude relata que elogiava a esposa poucas vezes, mas brigavam muito. A mudança ocorreu depois que abraçou a religião católica. Pedi que relatasse um ou mais ensinamentos que o ajudaram a mudar seu modo de se relacionar com as pessoas.

*A religião me ensinou que todos somos filhos de Deus. Os meus “meninos” são muito importantes para mim.*

Zemrude destacou que a religião lhe ensinou que todos somos filhos de Deus e, por isso, valorizava muito os “meninos”. Pedi que dissesse como a religião o ajudou a dar um novo significado às pessoas.

*Sim. Eu aprendi muitas coisas boas com a religião. Eu respeito mais as pessoas.*

Zemrude relata que, pelos ensinamentos religiosos assimilados, passou a respeitar mais as pessoas. Percebo em Zemrude que a religião possibilitou uma mudança de valores, bem como a conservação de outros.

Isto também significa que, de acordo com Ancona-Lopez (1999, p.81), em uma relação integradora da religião, os objetos da fé religiosa “não são reduzidos a termos puramente cognitivos, mas se engajam na vida interna e expressam sentimentos, valores e esperanças que organizam e regulam o fluxo das interações dos sujeitos”.

Visto ter afirmado que aprendeu muitas coisas boas com a religião, perguntei se o ato de elogiar pode ser considerado uma coisa boa.

*Acho que sim. Eu já falei antes: eu gosto de ser elogiado, mas me sinto envergonhado, algumas vezes.*

Zemrude considera coisa boa o ato de elogiar. Confirma que gosta de receber elogios, mas, apesar disso, sente-se ainda envergonhado. Indaguei se o ato de se envergonhar poderia estar relacionado com o medo de se valorizar.

*Acredito que sim.*

Zemrude admite temer se valorizar.

Em seguida, falei-lhe que os elogios são importantes para as pessoas, em qualquer etapa da vida. Os elogios têm um valor nutritivo semelhante ao de um alimento. O alimento pode ser de boa qualidade ou pode estar deteriorado. Quando a pessoa é elogiada, é como se estivesse ingerindo um alimento de boa qualidade; quando a pessoa é xingada, é como se estivesse ingerindo um alimento deteriorado. Convidei-o a nutrir-se e nutrir os outros com elogios adequados.

Numa outra sessão, relatou que foi para casa disposto a se valorizar mais, e valorizar as pessoas. Assim, ao entrar em casa, elogiou a esposa pela maneira como cuidava da casa. Ela o olhou e não disse nada. No trabalho com os “meninos”, procurou observar a maneira como realizavam as tarefas domésticas, e, sempre que percebia algo de bem-feito, dizia-lhes uma palavrinha de incentivo. Assim, ele teve a impressão de que todos estavam melhorando.

Relatou ainda que certa manhã, depois de fazer a barba e se pentear, olhou-se no espelho e automaticamente se disse: “Zemrude, você está bonito, você está progredindo”. Aquilo o encheu de alegria. A partir dessa experiência, começou a se dar algum elogio, depois de algo bem feito. Ele declarou que aquele elogio o ajudou a melhorar sua postura corporal, embora andasse um pouco inclinado.

Em seguida, relatou que foi a uma festa junina. Participou de muitas brincadeiras e dançou com diversas mulheres. Ao sair do salão, deparou-se com a mulher que já o havia acompanhado uma vez. Os dois foram andando de mãos dadas, e seguidamente paravam, e depois prosseguiam. Antes da separação, já trocaram a idéia de se encontrar mais vezes, para um melhor conhecimento.

Perguntei se queria comentar alguma coisa.

*Quero comentar o que senti durante a festa.*

Zemrude deseja comentar o que sentiu durante a festa. Sugeri que falasse.

*Eu estava esperando a festa. Caprichei para me apresentar bonito. E me olhei no espelho diversas vezes.*

Zemrude relata que aguardava a festa e que tomou alguns cuidados para se apresentar bonito. Parece-me que Zemrude começa a se valorizar mais e gostar de si mesmo. Pedi que relatasse como fora o encontro com as pessoas da festa.

*Com os amigos, foi bom. Com as outras pessoas, fiquei um pouco tímido e envergonhado.*

Zemrude relata que o encontro com os amigos foi fácil, mas ficou tímido e envergonhado com as outras pessoas. Indaguei se havia algum motivo para se sentir assim.

*Quando vou me encontrar com pessoas, me faço sempre a pergunta: Será que ele vai com minha cara?*

Zemrude relata que, ao se encontrar com pessoas, se questiona se será aceito. Esse relato evidencia sua necessidade de aceitação e segurança. Pedi que recordasse desde quando mantinha esse costume.

*Desde criança. Eu era terrível e nem todos gostavam de mim.*

Zemrude confessa que desenvolveu esse hábito quando ainda era criança. Assim, por ser agressivo e peralta percebeu que nem todos

gostavam dele. Perguntei se estava ciente de que, desde criança, formara um conceito de si e dos outros.

*Será?*

Zemrude duvidou se já tinha elaborado um conceito de si e dos outros, quanto criança. Pedi que examinasse se no conteúdo “eu era terrível e nem todos gostavam de mim” não estava expressando um conceito de si mesmo.

*Agora, sim. Eu achava que não prestava. Quando era criança, eu pensava que era terrível, e como adolescente entrei no mundo das drogas.*

Zemrude descobre que já tinha elaborado um conceito de si, desde cedo, e esse conceito ainda perdurava.

Percebemos que Zemrude, continua um processo de reavaliação de significados e para Pargament (1997), tanto o processo de conservação de significados quanto o processo de transformação de significados, necessitam de tempo para ocorrer.

Recordei-lhe que, quando nos relacionamos com as pessoas, nós nos comparamos. O resultado dessa comparação pode nos deixar bem ou mal. Pedi que expressasse o que sente quando descobre que as pessoas vão com sua cara.

*Eu me sinto bem.*

Zemrude declara que se sente bem, quando é aceito pelas pessoas. Indaguei o motivo que o fazia se sentir bem em face da aceitação por parte do outro.

*Eu acho que a pessoa me valoriza.*

Zemrude diz que se percebe valorizado quando é aceito e isso o faz se sentir melhor. Pedi que expressasse o que sente quando as pessoas não vão com sua cara.

*Eu me sinto mal.*

Zemrude confessa que se sente mal. Pedi que interpretasse a mensagem que as pessoas lhe enviam quando não vão com sua cara.

*Eu acho que a pessoa não me valoriza.*

Quando as pessoas não vão com sua cara, Zemrude interpreta como uma desvalorização. Para confirmar as respostas anteriores, indaguei se quando a pessoa o valoriza, ele se sente bem.

*Sim.*

Zemrude confirma que se sente bem quando é valorizado. Da mesma forma, perguntei-lhe se, quando a pessoa não o valoriza, ele se sente mal.

*Sim.*

Zemrude reafirma que se sente mal quando não é valorizado. Para que ficasse ciente dos conceitos que forma das outras pessoas, pedi que declarasse se ele vai com a cara de todas as pessoas.

*Nem sempre.*

Zemrude declara que ele nem sempre vai com a cara de todas as pessoas. Indaguei se ele reparou que, nos encontros sociais, as pessoas fazem sempre uma comparação para decidir se vão ou não vão com a cara dessa pessoa.

*Acho que sim.*

Zemrude reparou que as pessoas, nos encontros sociais, fazem comparações para depois aceitar ou rejeitar as pessoas. Pedi que declarasse o que pretende dizer quando ele vai com a cara de alguém.

*Acho que ela é bacana.*

Quando Zemrude vai com a cara de uma pessoa quer dizer que ela é bacana. Pedi que revelasse a mensagem que está inclusa na expressão: “ela é bacana”.

*Eu valorizo aquela pessoa.*

Zemrude explicita que ao chamar uma pessoa de bacana ele quer valorizá-la. Pedi que decodificasse a mensagem contida na expressão “não vou com a cara daquela pessoa”.

*Ih... Eu não a valorizo.*

Zemrude fica surpreso ao perceber que não valoriza as pessoas quando diz que não vai com sua cara.

A partir desse instante, mostrei-lhe as formas que existem de iniciar e manter os relacionamentos interpessoais. Compreender a importância do que se pensa de si e do outro pode facilitar a avaliação da qualidade da vida afetiva das pessoas.

Servindo-me dos termos usados, valorizar e não valorizar, mostrei-lhe que existem algumas maneiras de se estabelecerem os relacionamentos. Cada maneira provocará uma reação específica ( BERNE,1988, p. 80 ).

Então, de acordo com Berne (1998) comecei a falar sobre as maneiras de se estabelecer relacionamentos.

Em cada relacionamento interpessoal, a pessoa expressa um conceito que faz de si e do outro. Assim, ela poderá pensar: “eu me valorizo mais do que você”. Esta maneira de pensar, provavelmente poderá favorecer a tendência de “não ir com a cara dele”.

Uma outra maneira de expressar o conceito que faz de si e do outro, é inversa da primeira, e pode ser expressa assim: “eu não me valorizo, mas valorizo o outro”. Essa maneira de se expressar pode desenvolver uma sensação de inferioridade. Assim, temerá ou evitará se encontrar com pessoas, porque estará sempre se interrogando: Será que a outra pessoa vai me aceitar? Será que a outra pessoa vai me valorizar?

E a terceira maneira de expressar o conceito que faz de si e do outro pode ser assim: “eu não tenho valor, mas o outro também não tem valor”. A convivência com pessoas que pensam assim pode ser monótona e frustrante.

Essas maneiras de estabelecer contatos, em geral, são aprendidas na infância, ao observar o comportamento dos pais ou pelas mensagens verbais ou não-verbais, que recebem das pessoas que a cercam.

Nos relacionamentos interpessoais, existe uma quarta maneira de expressar o conceito que faz de si e dos outros. Ela pode ser expressa assim: “eu tenho valor e você também tem valor”. Parece que é possível formar um conceito positivo de si e do outro, no momento em que se reconhece valor em si e no outro. Manter relacionamentos interpessoais com esse modo de julgar-se possuidor de valor e de julgar o outro da mesma forma parece que leva a um convívio agradável e duradouro.

Antes de finalizar a sessão, achei conveniente perguntar-lhe o que havia pensado sobre as formas de as pessoas se relacionarem. Assim, pedi que expressasse qual a maneira que gostaria de usar nos encontros interpessoais.

*Quero usar a última maneira que você falou.*

Zemrude declara que gostaria de reconhecer o seu valor e do mesmo modo, reconhecer o valor que o outro possui. Então, pedi que justificasse a escolha feita.

*Porque eu me valorizo e valorizo os amigos.*

Zemrude confessa que está disposto a se valorizar e valorizar seus interlocutores. Perguntei se ele reconheceria qual a forma de relacionamento quando se perguntava se eles vão com a minha cara.

*Acho que era a segunda maneira que você falou.*

Zemrude reconhece que não se valorizava entretanto, valorizava o outro. Pedi que falasse sobre sua resposta.

*Eu..., eu me achava sem valor.*

Para continuar o reconhecimento de Zemrude em relação a si mesmo e ao outro, pedi que falasse sobre os relacionamentos que ele constrói quando se percebe e percebe a outra pessoa como inúteis.

*Não é bom, porque não me valorizo e nem valorizo minha esposa.*

Zemrude cita a esposa e declara que ao perceber a inutilidade de si e do outro, os relacionamentos que construímos se tornam pesados e dolorosos.

Depois desse reconhecimento , pedi que relatasse de que modo, no seu entendimento, ele se relaciona com as pessoas.

*Até iniciar a terapia, eu acho que eu não me valorizava, e algumas vezes não valorizava os outros e ainda outras vezes, julgava que outro tinha muito mais valor que eu.*

Zemrude nesse momento se reconhecia sem valor e muitas vezes também, não reconhecia o valor do outro em sua vida. Assim, os relacionamentos de Zemrude se tornavam dolorosos.

Podemos, nesse contexto, nos lembrar das palavras do poeta John Donne (apud Sapienza, 2004, p.33). Ele diz: “homem algum é uma ilha completa em si mesma; todo homem é um pedaço do continente, uma parte do todo; (...) a morte de qualquer homem me diminui, porque eu sou envolvido na humanidade. E, portanto, nunca pergunte por quem os sinos doam; eles doam por ti.”

Indaguei se gostaria de expressar-se mais sobre o assunto em questão.

*Acho que comecei a me valorizar e perceber o valor do outro depois de minha conversão.*

Pedi que falasse mais sobre o assunto.

*A religião me ensinou coisas boas para minha vida.*

Zemrude reconhece a importância da religião para a sua existência.

Pedi que especificasse algum ensinamento que o ajudou a estabelecer relacionamentos mais saudáveis.

*A religião me ensinou que todos somos filhos de Deus. Quando penso que os “meus meninos” são filhos de Deus, eu faço de tudo para estar com eles, e dar-lhe coragem.*

Zemrude confessa ter aprendido que todos somos filhos de Deus. Atribuindo essa dignidade aos “meninos”, sente-se motivado a ficar mais tempo em companhia deles.

Notamos também, nos relatos, que Zemrude apresenta uma crença num mundo invisível, que o estimula e o faz senti-se melhor. No parecer de James (1995), algo que possui a capacidade de estabelecer efeitos reconhecíveis passa a ser visto como a própria realidade, ganha o sentido de real, e assim o mundo invisível passa a ser visto como real. Para James (1995), o estabelecimento da ligação com o sagrado ajuda o homem a suportar as dificuldades que o viver proporciona.

Numa outra sessão relatou que, ao voltar do trabalho, encontrou uma carta que o fez tremer quando leu: TRIBUNAL ECLESIAÍSTICO. Depois de superar o primeiro choque, começou a ficar curioso. Caminhava pela casa e a curiosidade aumentava, até que criou coragem e abriu a carta. Gostou da maneira como a carta se iniciava: Prezado Senhor Zemrude... Ficou contente com o conteúdo da mesma. Devia comparecer ao Tribunal Eclesiástico, acompanhado da esposa, no dia dez, às 15 horas.

Sentou-se no sofá e começou a elaborar muitas hipóteses: Será que o casamento vai ser anulado? Será que vai demorar? Será que não vai ser anulado? Se não for anulado, como será minha vida: só separar-me e poder comungar, e continuar no emprego? Se não for anulado, separar-me? Se buscar outra companheira de vida: perder o privilégio de comungar e perder o emprego, longe dos “meus meninos?” O tempo parecia não passar, e o número de “será que” aumentava.

Os questionamentos cessaram quando foi chamado para jantar. A comida parecia não ter sabor porque o desfile dos “será que” continuavam. Num dado momento, a esposa perguntou-lhe: “O que você tem?” Está pensando em quê? No mesmo instante ele disse que estava disposto a ir ao Tribunal Eclesiástico para ver o término do casamento.

Os dias que antecederam o dia 10 pareciam intermináveis. O próprio trabalho não lhe dava a mesma felicidade que sentia, nos outros dias. As noites, além de escuras, pareciam que não tinham mais o amanhecer.

No dia marcado, o casal se apresentou ao Tribunal Eclesiástico. Os dois tremiam como se fossem condenados à prisão perpétua. A recepcionista os recebeu bem, ofereceu-lhes um cafezinho e conversou com eles para apaziguá-los.

Exatamente às 15 horas, foram introduzidos na sala do Tribunal. Depois de aberta a sessão, foram lidos os autos. Em seguida foram interrogados pelos advogados de acusação e defesa. Finalmente, o próprio juiz os interrogou. Em seguida, houve a reunião dos Jurados. Cumpridos os procedimentos legais, o juiz comunicou-lhes que seriam necessárias novas entrevistas.

Quando chegaram em casa, a alegria e a tristeza se alternavam na fisionomia dos dois. Depois desse longo relato, Zemrude ficou em silêncio.

Pareceu-me que ainda estivesse revivendo as duas emoções: alegria e tristeza.

Passado um tempo, disse a Zemrude que compreendia suas emoções. Porém, a vida continua. Então, pedi que se expressasse.

*Sim, a vida continua, mas será diferente.*

Zemrude confirma que a vida continua, mas poderá ser diferente. Pedi que falasse mais sobre isso.

*Quase perdi a companhia de Diomira e outras vantagens.*

Zemrude confessa que, embora deseje a separação, teme perder a esposa e outras vantagens.

Para compreendermos melhor a questão relatada por Zemrude, Sapienza (2004) nos diz que, a aceitação não é uma questão de tudo ou nada. As pessoas podem oscilar diante de certas coisas que até podem ser compreendidas, mas que o coração gostaria que fossem diferentes.

Isso, para Sapienza (2004), faz parte da nossa humanidade. É natural que se queira conservar o que é bom, e as pessoas se esforçam para conseguir isso. É necessário amadurecer para compreender que as coisas podem vir a faltar. As perdas fazem parte desse processo e isso nos faz sofrer.

Indaguei se ainda se recordava do número de vezes que desejou a separação.

*Lembro, mas estou para perder a companhia.*

Zemrude recorda-se das inúmeras vezes que desejou a separação, mas, agora, teme perder a companhia da esposa. Pedi que recordasse o que dizia da esposa.

*Eu dizia que não gostava. Agora acho que eu gostava.*

Zemrude declara que dizia que não gostava da esposa, porém acha que gostava da esposa. Percebendo a ambivalência, pedi que declarasse se gostava da esposa ou se ainda gosta.

*Acho que só gostava.*

Zemrude afirma que “só gostava” e isso me faz pensar que para Zemrude somente gostar não é suficiente para continuar um casamento. Assim, por haver dito que só gostava, pedi que avaliasse se a perda seria tão grande.

*Acho que não.*

Zemrude é do parecer que a perda da esposa, pela separação, não será tão grande, como imaginava anteriormente.

Sapienza (2004), nesse contexto, nos fala que é importante podermos sentir o quanto nós queremos determinadas coisas que temos, o quanto amamos certas pessoas e o quanto essas pessoas são importantes para nós. E ainda, segundo Sapienza (2004), esse processo de reavaliação deve ser constante em nossas vidas.

Se a perda não será tão grande, pedi-lhe que refletisse sobre o que poderá fazer para continuar a vida.

*Estive até pensando no divórcio e na divisão dos bens.*

Para continuar a viver e conseguir ser feliz, Zemrude pensa na possibilidade do divórcio e na divisão de bens. Pedi que falasse sobre o divórcio.

*Nós casamos na Igreja e no Cartório.*

Pedi que relatasse quando pretendem solicitar o divórcio.

*Mas a nossa anulação ainda não saiu.*

Para Zemrude o fato da sentença de anulação do casamento não ter saído, ainda se fazia um empecilho para a solicitação do divórcio.

Depois de relatar a experiência do Tribunal Eclesiástico, Zemrude falou que sentia a quase perda da esposa. Pedi que relatasse se, no passado, já teve outras perdas dolorosas.

*Eu tinha um belo cachorrinho. Eu brincava com ele, dava banho e comida, ele dormia comigo. Um dia, eu estava num lado da rua e ele no outro. Enquanto atravessava a rua, foi atropelado e esmagado por um caminhão. Eu gritei, corri para pegá-lo nos braços, mas estava morto. Fui chorando para casa, carregado o cachorrinho. Quando entrei em casa, estava com a roupa suja de sangue e o animal morto. Eu queria enterrá-lo no quintal. Assim, eu poderia levar flores e comida. Fui obrigado a levá-lo no lixo. Eu chorava.*

Zemrude relata a dor sentida pela perda de um cachorrinho de estimação, a tristeza de não poder dar-lhe um enterro adequado e de ter sido obrigado a jogar o cadáver no lixo. Pedi que relatasse quem o obrigou a proceder assim, com o cadáver de seu animalzinho de estimação.

*Foi meu pai.*

Zemrude relata que foi o pai dele, demonstrando decepção em relação ao pai.

Vejamos a emoção triste e até angustiante que Zemrude sente com a experiência de, um momento para o outro, perder os próprios sonhos coloridos de criança. Nesse sentido, Sapienza (2004, p.134) nos diz que “ é difícil viver sem a garantia de que é possível segurar para sempre as coisas boas.”

Pedi que detalhasse como superou a dor.

*Eu não me lembro; eu só me lembro de que falava muito do meu cachorro. Quando vejo um cachorrinho, às vezes, fico lembrando do meu.*

Zemrude declara que não se lembra da maneira como superou a dor. Recorda-se que falava muito do animalzinho e que ainda hoje, ao ver um cachorrinho, recorda-se do seu. Pedi que relatasse se teve outras perdas.

*Um vizinho nosso mudou de cidade, e com isso perdi a companhia de um colega de brinquedos e de escola. Chorei muito tempo, e não queria mais ir para escola.*

Zemrude relata a perda de um colega de classe motivada pela mudança de residência de seus pais. Sofreu pela perda da companhia desse colega de brinquedos, sentindo-se até desmotivado para ir à escola. Pedi que falasse sobre a importância desse colega.

*Ele me ajudava nos estudos e brincávamos juntos.*

Zemrude destaca que o colega era importante em sua vida. Pedi que falasse como prosseguiu nos estudos.

*Eu comecei a estudar e brincar sozinho. Mas eu achava muito difícil, até me tornar amigo de outro colega.*

Para Zemrude era difícil suportar a solidão, por esse motivo começou estabelecer novos relacionamentos. Pedi que falasse sobre a amizade com o novo colega.

*O colega foi importante na minha vida porque me ajudou nos estudos e me ensinou a viver mais alegre.*

Zemrude nesse momento fala da importância de ter amigos e de como os amigos preenchem sua vida.

Essas palavras lembram, segundo Sapienza (2004, p.33), que “os homens existem de tal modo que não podem eliminar de sua essência o ter de ser sempre ligados aos outros.”

Indaguei se queria falar sobre outras perdas.

*Sim, foi a morte de minha tia.*

Pedi que falasse sobre a importância da tia.

*Ela me dizia que gostava muito de mim. Ela me dava presentes; ela me dava muito conselho, e fazia festa quando ia visitar ela.*

Zemrude ressalta que para ele era importante se sentir amado e querido. Pedi que falasse sobre o que mais o fez sofrer.

*Quando vi colocar o caixão na cova e depois colocar terra por cima, eu comecei a chorar. Pensava: como é que ela vai sair?*

Zemrude se sentia amado pela tia, e pensar que jamais a veria novamente lhe causava pesar e tristeza.

A partir desse instante, comentei com ele que na vida temos muitas perdas, mas as perdas podem trazer embutido um ganho. Começando do nascimento, fomos enumerando perdas que ocorrem: algumas são necessárias para que se possa desfrutar de outras vantagens, outras provocam mudanças que, por sua vez, podem trazer algumas vantagens.

Nesse sentido, para Frankl (1991,p.80): “a vida está repleta de oportunidades para dotá-la de sentido”.

Antes de encerrar a sessão, pedi que, das três perdas enumeradas – cachorro, colega de escola e da tia – destacasse qual delas pode ter semelhança com a perda de Diomira.

Zemrude ficou pensativo. Depois, mexeu-se na cadeira como se tivesse feito uma descoberta preciosa. Com voz mais alegre, disse:

*Acho que foi a perda do colega de escola.*

Zemrude declara que a perda do colega de escola assemelha à perda da esposa. Pedi que falasse sobre isso.

*Depois de chorar a perda do colega, achei outro que me ajudou.*

Zemrude confirma que chorou pela perda do colega, mas encontrou outro que o ajudou. Pedi que detalhasse as semelhanças.

*Eu perdi Diomira, mas posso achar outra mulher que possa me amar.*

Zemrude admite que, ao separar-se da esposa, poderá encontrar outra mulher que o ame.

Num outro encontro, relatou que foi para casa com um sentimento ambíguo, entre triste e alegre. A tristeza era de ter quase perdido a esposa, e a alegria era pela possibilidade de achar outra mulher com quem pudesse vir a ser amado. Para superar a tristeza, recolheu-se no quarto e recitou o Salmo 23, conhecido como “o Senhor é meu Pastor”. Ressaltou que o versículo que mais o ajudou a superar as tristezas foi o de número quatro: *“Ainda que caminhe por vale tenebroso nenhum mal temerei, pois estás junto à mim; teu bastão e teu cajado me deixam tranqüilo”*.

Nos relatos percebemos que Zemrude se recorre ao sagrado, em vários momentos difíceis, para conseguir alívio das dores que o viver lhe proporciona. Como já vimos, de acordo com Pargament (1997) o suporte religioso pode provir, também, do contato direto com o sagrado, na literatura religiosa ou nas orações.

À noite foi encontrar-se com os amigos do grupo de oração. Foi bem acolhido e sentiu-se mais confortado. Enquanto os amigos lhe mostravam possibilidades de sucesso que poderia ter, ele se recordava da frase: “Algumas perdas são necessárias para poder desfrutar de outras vantagens; outras provocam mudanças que, por sua vez, podem trazer vantagens”. Naquela noite, foi para casa mais animado.

Depois desse relato, disse que gostaria de entender por que facilmente fica na fossa. Pedi que recordasse quando foi a última vez que ficou na fossa.

*Em geral, quando chego em casa, depois do trabalho.*

Zemrude relata que geralmente fica na fossa quando volta do trabalho. Pedi que verbalizasse o que queria dizer com a expressão “ficar na fossa”.

*Ficar sem vontade para nada.*

Zemrude clarifica que ficar na fossa significa ficar sem vontade para nada. Pedi que recordasse os pensamentos que tem ao chegar em casa.

*Penso que sou um bobo para fazer o que fiz.*

Indaguei o que entende por ser um bobo.

*Bobo é fazer as coisas sem pensar.*

Zemrude entende que bobo é aquele que faz as coisas sem pensar e se reconhece como alguém que fez muitas coisas sem pensar e agora se torna difícil levar o peso das escolhas. Pedi que relatasse o que fez sem pensar.

*Quase me separei.*

Zemrude relata que pelo fato de quase se separar da esposa foi um ato sem pensar. Perguntei se já havia pensado em separar-se.

*Muitas vezes.*

Zemrude confirma que já havia pensado muitas vezes em separação.

Pedi que reavaliasse o conceito de bobo porque se já havia pensado muitas vezes em separação, a palavra bobo não expressa fazer coisas sem pensar.

*Você está certa.*

Zemrude reconhece que o termo bobo não expressa fazer coisas sem pensar. Pedi que clarificasse melhor o que estaria dizendo com o termo bobo.

*Acho que sou incapaz de fazer as coisas certas.*

Com o termo bobo, Zemrude declara que o usou para relatar que se sente incapaz de fazer as coisas certas. Indaguei se uma pessoa pode fazer todas as coisas certas.

*Todas certas, não; mas muitas sim.*

Zemrude reconhece nesse momento algumas limitações que são próprias do ser humano. Indaguei se ele fez algumas coisas certas.

*Acho que sim.*

Zemrude está ciente de que fez algumas coisas acertadamente. Pedi que enumerasse algumas.

*Estudei, abandonei as drogas, me converti, ajudo os “meninos” dependentes químicos, sei trabalhar para ganhar meu sustento.*

Zemrude consegue perceber que sua vida foi mesclada por momentos de dor, mas também teve momentos bons. Reconhece que fez escolhas que o fizeram sofrer, mas também conseguiu empreender movimentos e fazer novas escolhas que lhe trouxeram alegria e realização.

Mais uma vez, podemos nos recorrer a Frankl (1991). Ele nos fala que a vida nos questiona e somente poderemos responder à vida respondendo por nossa própria vida; à vida somente podemos responder sendo responsáveis.

Pedi que declarasse se pode julgar-se capaz para fazer outras coisas boas.

*Acho que sim.*

Zemrude confirma que pode fazer outras coisas boas e assim, reconhece sua potencialidade e outras possibilidades para sua vida. Pedi que falasse sobre alguma delas.

*Acho que é encontrar a esposa que desejo.*

Pedi que manifestasse o que pode fazer para encontrá-la.

*Acho que preciso me encontrar com mulheres e conversar com elas.*

Zemrude fala da importância de se estabelecer novos relacionamentos. Pedi que falasse sobre esse projeto.

*Já falei diversas vezes com uma.*

Zemrude exerce movimentos para a construção de uma vida mais realizada. Pedi que falasse sobre as qualidades que deseja que ela possua.

*Eu pensei em algumas.*

Pedi que falasse sobre elas.

*Que ela me ame, que tenha a mesma religião, que seja educada, honesta, trabalhadora, alegre e outras.*

Zemrude revela os dotes que espera encontrar na esposa. E para ele é importante poder compartilhar a vida com uma pessoa que o ame, respeite, e o queira bem.

Continuando a sessão, falou sobre os cuidados que pretende tomar na escolha da nova esposa. Disse que planejavam alguns detalhes para o bom andamento do casamento. Antes de finalizar, pedi que falasse como se sente.

*Estou me sentindo bem.*

Indaguei sobre o motivo de sentir-se bem.

*O que mais queria pode estar perto de acontecer.*

Pedi que explicitasse o que mais queria.

*Queria um novo casamento, queria poder comungar sem cometer pecado, queria poder continuar o trabalho com os “meus meninos” .*

Zemrude confessa querer se tornar uma pessoa mais realizada. E se tornar mais realizado para ele, se faz uma realidade não muito distante.

A terapia semanal continuava. Em cada sessão, relatava os passos que estava dando para estabelecer bons relacionamentos interpessoais, se valorizando e do mesmo modo, valorizando o outro. Falava que se sentia mais alegre, mais confiante. Sentia-se bem. Começou a compreender as mensagens que os fatos lhe trouxeram em forma de códigos, mas que à medida que os decifrava podia atribuir-lhe um significado precioso para a vida. Assim, Zemrude cada vez mais ia se tornando conhecedor de si mesmo.

## DISCUSSÃO DO CASO

O caso Zemrude conta a trajetória de um dependente químico que se libertou das drogas, ajudado pela religião.

Por volta dos quinze anos, Zemrude achava que as drogas poderiam satisfazer-lhe as necessidades e assim viver num mundo idealizado. Os ambientes que freqüentava favoreciam-lhe o uso de drogas, como cocaína, heroína, maconha, crack e outras.

Entretanto, como já dissemos anteriormente, os significados vão se mantendo e se transformando ao longo da vida. E nem sempre os significados atribuídos geram uma vida satisfatória. São nesses momentos que as pessoas, muitas vezes, começam empreender movimentos de busca de novos significados, podendo transformar todo um conjunto de valores e estilo de vida. Nesse contexto, para Frankl (1991) a vida sempre nos oferece uma série de oportunidades para que possamos dotá-la de sentido.

Foi o caso de Zemrude, que depois de um casamento sem amor, foi internado em uma casa de recuperação de dependentes químicos. A instituição que o acolheu era de cunho religioso católico. A instituição

oferecia assistência psiquiátrica, psicológica e religiosa, juntamente com o alojamento e alimentação. Zemrude participava de todas as atividades programadas, pois desejava libertar-se da dependência das drogas.

Diariamente havia uma hora de reunião grupal na qual eram abordados os mais variados temas. Uma vez por semana, recebiam informações sobre a religião católica nas quais Jesus era apresentado como o Salvador da humanidade.

À medida que sorvia os ensinamentos, percebia que a mente se abria aos novos valores que até então desconhecia, ou seja, enquanto internalizava os valores cristãos, ia na mesma medida adquirindo forças para abandonar as drogas, praticar o bem e ajudar outros dependentes químicos.

Assim, podemos perceber que os valores que mais o motivaram a modificar sua vida relacionaram-se à aceitação de um novo conceito de Deus, à necessidade de ajudar as pessoas e aliança com Deus por meio da Eucaristia.

Zemrude começa viver, nesse momento, uma mudança completa de valores e atitudes, que Pargament (1997) cita como recriação de significados. A recriação de significados acontece com frequência nos casos de conversão religiosa e a adesão à religião. Nesse contexto, o convertido substitui o seu modo de viver por algo novo e pleno de outros significados, ou seja, o convertido abandona uma “vida velha” e redireciona-a com novos valores.

E para compreender melhor esses efeitos da religião na vida de Zemrude, é necessário ouvir o relato de suas vivências. Este relato pode revelar seu posicionamento em relação à religião; e este posicionamento, por sua vez, nos dá uma idéia da representação mental que faz de Deus.

Assim, numa perspectiva fenomenológica, podemos buscar, nos relatos de Zemrude, as vivências, as imagens, os sentimentos e emoções que sentiu, e, através das quais, elaborou sua representação mental de Deus, e o quanto essa representação o ajudou a superar as dificuldades que surgiram ao longo de seu processo de conversão.

No processo de conversão de Zemrude, podemos destacar três fases: uma de completa ignorância dos valores religiosos, outra de descoberta de valores cristão e uma última de doloroso conflito.

A fase de ignorância dos valores religiosos prolongou-se até o período de internação numa clínica para se libertar do uso de drogas químicas. Nesse período, seu desejo maior era agir para obter satisfações físicas e momentâneas. Ele as conseguia nas baladas, na conquista de mulheres e no uso de drogas.

No caso clínico de Zemrude podemos perceber claramente esse período. Zemrude ressalta, em seus relatos, esse momento de sua vida afirmando que era muito criança e não tinha nada na cabeça, que era muito materialista e só pensava em mulheres, noitadas e drogas.

Sabemos que, a variedade de significados possíveis é ampla e está relacionada às condições sociais e às características de cada pessoa. Olhando do ponto de vista social, as pessoas procuram agrupar-se em torno de significados compartilhados, e cada grupo tem o seu modo de viver e expressar esses significados comuns.

Nas comunidades cada pessoa, em diferentes momentos, vive esses significados, aceita-os, modifica-os ou rejeita-os e busca outros. Assim, cada pessoa pode construir um modo de viver e os significados que atribui à sua existência.

A fase da descoberta de valores cristãos iniciou-se enquanto Zemrude estava internado na clínica. Em meio ao sofrimento e ao sentimento de solidão, Zemrude começou a conscientizar-se de que era possível atribuir um novo significado à sua vida. O processo de conscientização se aprofundou em virtude de palestras semanais sobre temas da religião cristã.

É possível vislumbrarmos esse momento por meio dos relatos de Zemrude. Ele dizia sentir-se muito sozinho, mas sabia que não estava, visto que havia começado a ver um outro lado da vida. Segundo Zemrude, começou a conhecer Deus, que deu força para ele começar ver a vida de outro modo.

Confrontando a vida passada com o novo significado que conferiu à atual, Zemrude ainda declara, em seus relatos, que quando ele era do mundo, vivia uma vida sem sentido. Ficava nas noitadas, bebendo e utilizando todos os tipos de drogas com aqueles que se diziam seus amigos. Ele se relacionava, sexualmente ou não, com as mulheres que ele queria mas, nada disso o preenchia. Entretanto, segundo ele, não conseguia enxergar que suas atitudes não o preenchiam.

Pargament (1997) nos diz, nesse contexto, que numa conversão religiosa, em que ocorre o total abandono, o sagrado começa fazer parte da pessoa. Nesse momento, é comum a pessoa experimentar uma força interior que poderá torná-la capaz de encontrar novos caminhos e um novo sistema de crenças e valores, transformando todo o significado de sua existência.

Mas, para o processo de transformação ocorrer, em alguns momentos, a pessoa poderá necessitar de auxílio. Esse auxílio pode provir diretamente de algum grupo religioso, do qual o indivíduo se utiliza para sua conversão, como o caso de Zemrude.

A terceira fase da conversão de Zemrude é marcada por um conflito que irrompeu quando pensou em separar da esposa. O dilema era conservar ou abandonar os valores que havia assumido. Para conservar os valores assumidos, ele não podia se separar da esposa sem o consentimento da Igreja, desfrutar da Eucaristia e casar novamente. Esta possibilidade não o agradava porque para a Igreja católica o casamento cristão não é uma instituição simplesmente humana. No casamento cristão o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão de vida toda. Esta comunhão para a vida toda, está fundamentada em textos bíblicos. “Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne. Por tanto, eles já não são dois, mas uma só carne. Por tanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar” ( Mt.19,5-6). Por isso, a Igreja católica considera o casamento indissolúvel e as pessoas que separarem e se unirem a outra pessoa, não podem receber a comunhão.

A segunda possibilidade, de separar-se e partir para um novo casamento, geraria uma contradição interna porque perderia o direito de receber a Eucaristia. Para Zemrude, a Eucaristia é um meio poderoso para entrar em contato com Deus; ele não queria perder esse dom.

Percebemos na história de Zemrude, uma das ações desempenhadas pela religião para a conservação de significados. Essa ação é nomeada, por Pargament (1997), como marcar limites. Ela consiste em estabelecer normas e sanções que variam de um religião a outra, deixando bem definidas algumas regras que as diferenciam, principalmente, no que tange as diferenças entre o sagrado e o profano.

Nesse sentido, é atribuído algumas penalidades para as pessoas que transgridem as normas estabelecidas. Desse modo, a religião consegue encorajar seus participantes a conservar um estilo de vida, mesmo quando é necessário enfrentar problemas.

Quanto à primeira possibilidade, Zemrude relata que a simples separação da esposa não o impediria de receber a comunhão, mas não poderia se relacionar afetivamente com outra pessoa.

No que tange a segunda possibilidade, Zemrude argumenta que para separar-se e viver um amor com outra pessoa, ele perderia a comunhão, e este é um preço muito alto para ele. Diante dessa possibilidade, Zemrude começa a vivenciar um conflito interno.

Zemrude anteviu a solução do dilema, colocando fim em parte de seu sofrimento, quando recorreu ao Tribunal Eclesiástico.

De acordo com os relatos, Zemrude começou sentir-se melhor e mais aliviado depois de protocolar, no Tribunal Eclesiástico, o pedido de anulação de seu casamento.

Podemos notar, na ação de Zemrude, a perseverança para manter seu estilo de vida atual. A perseverança para Pargament (1997), está incluída entre os vários modos, que a religião possui, para a conservação de significados. Nela, podemos presenciar a capacidade que a pessoa possui de continuar vivenciando algo que, de algum modo, dá sentido a sua existência.

Depois dessa contextualização, do processo de conversão de Zemrude, podemos descrever os conteúdos presentes na sua representação mental de Deus.

Na mente de Zemrude, Deus é representado como aquele que dá força, transforma, liberta.

Nesse contexto, James (1995) considera que, nas experiências religiosas, o caminho percorrido é semelhante o sentimento de segurança, bem como a certeza da existência de um poder maior e perfeito. Assim, a

pessoa, ao entrar em contato com esse poder maior, pode sofrer transformações. E essas transformações, segundo o autor, geralmente tem um aspecto regenerativo.

Podemos verificar, em Zembrude, a presença desse sentimento quando nos atemos aos seus relatos. Principalmente, quando ele diz que foi Deus quem deu força para ele começar ver a vida de outro modo. Essa transformação ocorre quando ele começa conhecer Deus.

Para Zembrude, Deus é visto como aquele que dá novo sentido à vida e desperta o desejo de ser solidário com os que sofrem.

Os relatos de Zembrude, nos fazem perceber essa construção de Deus quando ele nos fala do novo sentido que ele confere à vida. Para ele, nesse novo momento de vida, é importante poder oferecer algo de bom para as pessoas que necessitam.

Ainda para Zembrude Deus também, é visto como aquele que tem um plano de amor para cada pessoa.

Nesse contexto, Zembrude diz que Deus nos chama para amar e viver o amor dele. Diz também, que Ele tem um chamado especial na nossa vida e quer nos conduzir para ele.

Por último, para Zembrude, Deus é visto como um ser maravilhoso que tudo compreende e que sempre nos acompanha.

Essa concepção de Deus, estimula Zembrude a pensar em não desagradá-lo. Para Zembrude, é esse Deus maravilhoso que o fortalece, o renova e o acompanha em todos os momentos da vida.

Depois de citar alguns elementos, à respeito de Deus, que se encontram na representação mental de Zembrude, convém citar alguns meios

que usou para dar um novo sentido à sua vida: ir à igreja, viver o amor de Deus e prestar serviços ao próximo.

Nesse contexto, Zemrude nos afirma que depois que passou a conhecer Deus, ir à igreja, a viver o amor de Deus, ajudando as pessoas e a ele mesmo, começou a perceber que a vida era muito mais do que aquilo que ele havia vivido na época em que usava drogas. Entretanto, na época ele não oferecia esse significado às suas vivências.

Zemrude, também nos diz que, além de trabalhar na instituição, ele faz parte de seu núcleo religioso. Esse núcleo religioso recebe o nome de “comunidade vida”.

Notamos, no caso de Zemrude, a importância de estar ligado a um núcleo religioso. Para Zemrude, essa ligação o ajuda a manter-se, ou seja, Zemrude encontra suporte religioso no núcleo em que está inserido. Pargament (1997) nos diz que o suporte religioso é o apoio que a pessoa recebe. Esse apoio auxilia a pessoa a manter o sentido de sua vida. Ainda segundo Pargament (1997), o suporte pode provir dos membros da sua religião e/ou do contato direto com o divino.

Na representação mental de Deus, podemos encontrar também a imagem de um Deus pronto a ajudar em todos os momentos da vida. Para Zemrude uma das formas de auxílio que encontrou na religião cristã foi a de buscar a ajuda divina, principalmente em momentos difíceis. Esta prática está descrita no Novo Testamento. Lucas (11, 9) diz: “Peçam, e lhes será dado! Procurem, e encontrarão! Batam, e abrirão as portas para vocês”.

Pargament (1997) relata que, na busca de ajuda divina, o indivíduo pode adotar várias atitudes. Vou destacar duas delas, observadas em Zemrude. Uma atitude é a de passividade, isto é, o indivíduo deixa que Deus resolva a dificuldade, e ele limita-se a confiar plenamente em seu poder

divino. Outra atitude é colaborativa, isto é, o indivíduo procura trabalhar com Deus. Na atitude colaborativa, o indivíduo pede ajuda divina e, ao mesmo tempo, faz escolhas que tenham, no seu entendimento, mais probabilidades de ajudá-lo a solucionar a dificuldade.

Para Pargament (1997) a atitude colaborativa é a mais saudável porque é indicadora de um indivíduo possuidor de mais autonomia para conduzir a própria vida. Mesmo a passividade, no entanto, pode ser uma solução, pois quando a pessoa está diante de situações sem recursos para agir, entregar a solução a Deus, pode aliviar suas angústias.

Em Zemrude, a atitude colaborativa é mais evidente e pode ser percebida em diversos relatos. Vou apresentar dois deles. *“Eu sempre venho para o grupo de oração, sempre vou à missa e saio para fazer pregações, quando me chamam. Isto tudo me faz sentir bem, me dá força. Para mim é muito importante estar sempre em contato com Deus. Poder sentir Deus e falar de Deus”*. Num outro momento declara: *“Eu não posso desagradar a Deus, um Deus tão maravilhoso, que me fortalece e me renova, e que está sempre de nosso lado”*.

Sabe-se que existem muitas outras formas de se dirigir a Deus para pedir sua ajuda divina. As formas de se aproximar de Deus não são nem melhores e nem piores em si, são recursos que o indivíduo usa, motivado mais pelas experiências individuais.

Pelos relatos de Zemrude percebe-se que, na trajetória de sua vida, a religião cristã lhe ofereceu valores que o capacitaram a dar um novo significado à sua vida e ao seu modo de agir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**N**este estudo focalizamos algumas funções da religião no auxílio para resolução de determinados conflitos que vão surgindo ao longo da vida. Para podermos vislumbrar algumas das funções da religião atuando na vida do ser humano, enfocamos um caso clínico, em que o paciente procurou, com muito empenho, libertar-se do mundo das drogas. Portanto, privilegiamos esse seu conflito fundamental.

Assim, pelo uso da liberdade, cada pessoa escolhe aquilo que, no seu entendimento, lhe possa proporcionar segurança e bem-estar na vida.

Ao pesquisar a influência da religião no processo terapêutico, pareceu-me importante destacar alguns pontos para a reflexão, que, desta forma, possam ajudar no trabalho desenvolvido na clínica e em futuras pesquisas.

Em primeiro lugar, a religião, dependendo do sentido que a pessoa lhe atribui, pode ser considerada como um elemento terapêutico. A religião torna-se um elemento terapêutico quando provoca uma mudança na pessoa.

Em geral, a primeira mudança é intrínseca. A mudança intrínseca pode produzir efeitos no seu modo de pensar e de se relacionar consigo mesmo.

Em segundo lugar, quero destacar que a religião pode produzir uma mudança externa, que se refere ao modo de agir do homem no mundo. O êxito desse agir nem sempre é imediato; pode ser lento e progressivo. Lento, pela dificuldade de equacionar os valores assimilados com as experiências diárias; progressivo porque à medida que assimila os valores religiosos amplia sua área de entendimento e sua vontade de materializar o novo conteúdo axiológico. Assim, pela constante descoberta do conteúdo axiológico assumido, pode ampliar o significado de sua atuação durante seu existir.

Em terceiro lugar, convém recordar que a religião não apaga da memória as lembranças das atitudes que provocaram sofrimento. No entanto, a vivência dos valores religiosos pode permitir que os mesmos fatos possam ser lembrados sem provocar desespero, angústia ou raiva. Nesse caso, a pessoa poderá recordá-los e, ao mesmo tempo, sentir-se tranqüila. Poder recordar situações traumáticas sem sentir-se desestruturado internamente, pode ser considerado um bom parâmetro para avaliar que a pessoa já conseguiu elaborar suas feridas emocionais.

Em quarto lugar, a religião é vista por muitas pessoas como uma forma de se unir ao sagrado. Embora alguns defendam que o sagrado desapareceu da vida humana, outros observam que justamente agora estamos assistindo um retorno do sagrado através da manifestação de uma verdadeira onda de religiosidade. Nessa manifestação, percebe-se que, enquanto o homem busca na vivência do sagrado sua satisfação pessoal, é ele próprio quem passa a construir uma referência religiosa.

Considero que é correto afirmar que a questão da religião e do sentido que é oferecido por ela, pode se fazer algo importante para a

realização do homem. Assim, ela deve merecer nossa atenção, principalmente, quando nos engajamos como psicólogos nesta sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2002.

ALETTI, M. A representação de Deus como objeto transicional ilusório: perspectivas e problemas de um novo modelo. *In: A representação na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

ALLPORT, G. W. *Desenvolvimento da personalidade: considerações básicas para uma psicologia da personalidade*. São Paulo: Editora Herder, 1970.

ALLPORT, G. W. *The individual and his religion: a classic study of the function of religious sentiment in the personalit of the individual*. New York: The Macmillan Company, 1970.

ALLPORT, G. W. *Personalidade: padrões e desenvolvimento*. São Paulo: Editora Herder, 1966.

ANCONA-LOPEZ, M. Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas. *In: Diante do mistério*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

- ANCONA-LOPEZ, M. Caminhos, pressupostos e diálogo: comentários a “Esboço de teoria do desenvolvimento religioso”, de Amatuzzi. In: *Entre necessidade e desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BERNE, E. *O que você diz depois de dizer Olá*. São Paulo: Nobel, 1988.
- BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante, 1989.
- FRANKL, V. E. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Editora Sinodal; Vozes, 1991.
- FRANKL, V. E. *Um sentido para a vida*. Aparecida / SP: Editora Santuário, 1989.
- GORGULHO, G. O sagrado: ilusão e imaginário. In: *Interfaces do sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho d'água, 1996.
- GIUSSANI, L. *O senso religioso*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1990.
- JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JAMES, W. *A filosofia de William James: seleção de suas obras principais*. São Paulo: Editora Nacional, 1943. Biblioteca do Espírito Moderno.
- MAHFOUD, M. Necessidade, desejo e exigências: cultura como âmbito da experiência. In: *Entre necessidade e desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- OTTO, R. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70. s/d.
- PARGAMENT, K.I. *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. New York: London, 1997.

- RIBEIRO, J. C. O jovem e o Deus das pequenas coisas. São Paulo: Departamento de Teologia e Ciências da Religião, PUC – SP, 2001.
- RIBEIRO, J. C. Os universitários e a transcendência. São Paulo: Departamento de Teologia e Ciências da Religião, PUC – SP, 2001.
- ROBINET, J.F. *O tempo do Pensamento*. São Paulo: Editora Paulus, 2004.
- SAPIENZA, B.T. *Conversa sobre terapia*. São Paulo: EDUC; Editora Paulus, 2004.
- VALLE, E. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- VEJA, São Paulo: Editora Abril, ano 38, no 20, 18 maio 2005. Edição 1905.
- VERGOTE, A . Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. *In: Entre necessidade e desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- WULLF, M. D. *Psychology of religion: classic e contemporary*. New York: John Willey e Sons, 1997.